

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM ESTUDOS
LINGUÍSTICOS

FRANCIELY CORRÊA DE FREITAS

**A “GRAÇA” NO CAMPO DA RELIGIÃO: UMA ANÁLISE
RETÓRICA DA PREGAÇÃO DE CLÁUDIO DUARTE**

VITÓRIA

2017

FRANCIELY CORRÊA DE FREITAS

**A “GRAÇA” NO CAMPO DA RELIGIÃO: UMA ANÁLISE
RETÓRICA DA PREGAÇÃO DE CLÁUDIO DUARTE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos do Centro de Ciência Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística, na área de concentração Estudos sobre texto e discurso.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Cristina Carmelino

VITÓRIA

2017

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, pela sabedoria, pela força e pelo discernimento nas decisões que precisei tomar durante esta jornada.

Agradeço à Marlene, minha mãe, pelo apoio e pela dedicação. À Dona Deusa (*in memoriam*), minha avó, que sonhou comigo e acreditou em mim em todos os momentos. Aos meus irmãos e família, de forma geral.

Agradeço ao meu noivo pelo companheirismo e pela compreensão. Aos amigos que fiz durante o mestrado e que dividiram comigo a aflição, o medo e as alegrias, sem eles seria tudo muito mais difícil.

Agradeço à Prof^a. Dr^a. Ana Cristina Carmelino, pelo privilégio de ser minha orientadora e, desde a graduação, dividir seu conhecimento e me ajudar ser uma profissional melhor e mais qualificada. São profissionais competentes como ela que nos motivam a prosseguir.

Agradeço ao Prof^o. Dr. Luciano Novaes Vidon (UFES) e à Prof^a. Dr^a. Maria Flávia Figueiredo (UNIFRAN) pelas contribuições valiosas para minha pesquisa no exame de qualificação. Aos professores do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da UFES, por todo conhecimento compartilhado.

E, por fim, agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo apoio com a bolsa de fomento à pesquisa.

RESUMO

O campo da religião tende a se caracterizar pelo tom de seriedade, não de humor. Perceber a presença e disseminação do humor em uma prática social religiosa, caso da pregação, que lida com questões relacionadas ao sagrado e, portanto, consideradas sérias, foi a motivação principal para a realização desta dissertação. Nesse sentido, esta pesquisa tem por objetivo central investigar a função e a relevância do humor na pregação religiosa “Reconstruindo as verdades de Deus”, proferida pelo pastor Cláudio Duarte. Considera-se a hipótese de que o humor é de extrema importância na pregação, visto que tem a função de contribuir para a eficácia do processo persuasivo. Os aparatos teóricos que fundamentam este estudo são da retórica aristotélica (ARISTÓTELES, 2000; 2011), da Nova Retórica (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005; REBOUL, 2004; MEYER, 2007; FERREIRA, 2010), de teóricos que abordam questões sobre humor (TRAVAGLIA, 1992; BERGSON, 2007; PROPP, 1992; PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005; CARMELINO, 2009; 2012), do campo da religião (CITELLI, 2005; NASCIMENTO, 2012; FIGUEIREDO; RODRIGUES, 2008) e do gênero pregação (FIGUEIREDO et al., 2009). As análises permitiram verificar algumas técnicas de produção do humor usadas de forma mais recorrente, caso da figura de comunhão alusão, dos argumentos da contradição e da incompatibilidade, de reciprocidade, de comparação e pragmático. Além disso, as escolhas lexicais e os elementos prosódicos mostraram-se de grande relevância para a argumentação e a construção do humor. Também foi possível observar que, por meio do *logos*, o orador constrói a imagem (*ethos*) de sério, informado, líder, irreverente e humilde, além de mover paixões (*pathos*) como a calma, o amor, a compaixão, a alegria, a confiança e o temor. Desse modo, o humor presente na pregação de Duarte não é usado de forma despretensiosa; na verdade, constitui um recurso que contribui de forma eficiente para o discurso do orador a fim de alcançar a adesão do auditório.

Palavras-chave: Retórica. Argumentação. Humor. Religião. Pregação. Cláudio Duarte.

ABSTRACT

The field of religion tends to be characterized by a tone of seriousness, not humor. Perceiving the presence and a dissemination of humor in a religious social practice, case of preaching, which deals with matters related to the sacred and therefore considered serious, was the main motivation for the realization of this dissertation. In this sense, this research aims to investigate the role and relevance of humor in the religious preaching "Reconstructing the truths of God", pronounced by the pastor Cláudio Duarte. The hypothesis is that humor is extremely important in preaching, since it has the function of contributing to the effectiveness of the persuasive process. The theoretical apparatuses that support this study are from the Aristotelian rhetoric (ARISTÓTELES, 2000; 2011), the New Rhetoric (PERELMAN, OLBRECHTS-TYTECA, 2005, REBOUL, 2004; MEYER, 2007; FERREIRA, 2010), of theorists who address issues of humor (TRAVAGLIA, 1992; BERGSON, 2007; PROPP, 1992; PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005; CARMELINO, 2009; 2012) of the field of religion (CITELLI, 2005; NASCIMENTO, 2012; FIGUEIREDO; RODRIGUES, 2008) and the preaching genre (FIGUEIREDO et al., 2009). The analysis allowed us to verify some humor production techniques used in more recurrent way, in the case of the communion allusion figure, the arguments of contradiction and incompatibility, reciprocity, comparison, and the pragmatic. Besides that, the lexical choices and the prosodic elements were of great relevance for the argumentation and the construction of the humor. It was also possible to observe that, through the *logos*, the speaker constructs the image (*ethos*) of serious, informed, leader, irreverent and humble, besides moving passions (*pathos*), as calm, love, compassion, joy, confidence and a fear. In this way, the humor present in the preaching of Duarte is not used in an unpretentious way; In fact, it is a resource that contributes in an efficient way to the speaker's speech in order to achieve audience support.

Keywords: Rhetoric. Argumentation. Humor. Religion. Preaching. Cláudio Duarte.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	5
CAPÍTULO 1 – RETÓRICA: TRAJETÓRIA E CONSTITUIÇÃO	8
1.1 Origem, natureza, funções e características.....	8
1.2 A composição do discurso retórico: contexto, partes, gêneros.....	12
1.2.1 A invenção.....	14
1.2.1.1 Os lugares retóricos.....	15
1.2.2 A disposição	17
1.2.3 A Elocução.....	18
1.2.4 A ação	18
1.3 As provas retóricas.....	19
1.3.1 O <i>ethos</i>	19
1.3.2 O <i>pathos</i>	21
1.3.3 O <i>logos</i>	23
1.3.3.1 Argumentos.....	24
1.3.3.2 As figuras.....	26
1.3.3.3 A escolha lexical.....	29
1.3.3.4 A prosódia	30
1.3.3.4.1 Elementos prosódicos.....	31
CAPÍTULO 2 – HUMOR, RETÓRICA E PERSUASÃO	34
2.1 Humor e suas funções.....	35
2.2 Humor e contexto.....	37
2.3 Humor e <i>logos</i>	39
2.4 Humor e <i>ethos</i>	40
2.5 Humor e <i>pathos</i>	41
CAPÍTULO 3 – DISCURSO RELIGIOSO, PREGAÇÃO E HUMOR	43
3.1. Questões sobre o discurso religioso.....	43

3.1.1 A Igreja Batista Monte Horebe	44
3.2 A pregação religiosa: considerações acerca do gênero.....	45
3.3. Discurso religioso e humor.....	47
3.3.1 A quebra de tabus	48
CAPÍTULO 4 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	51
4.1 Objeto de análise e sua constituição	51
4.1.1 A pregação “Reconstruindo as verdades de Deus”	52
4.1.2 Cláudio Duarte: “o pastor cheio de graça”	53
4.2. Percurso metodológico	54
4.2.1 A transcrição do objeto de análise.....	54
4.2.2 Passos da análise	55
CAPÍTULO 5 – RETÓRICA E HUMOR NO DISCURSO RELIGIOSO	56
5.1 A autoridade de dizer	56
5.2 O discurso e o modo de dizer	59
5.2.1 A seleção lexical	59
5.2.2 Prosódia: o modo de dizer	63
5.2.3 As figuras retóricas.....	66
5.2.4 O uso dos argumentos.....	74
5.3 O humor como estratégia persuasiva: <i>ethos</i> , <i>pathos</i> e <i>logos</i>	80
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	85
REFERÊNCIAS	90
ANEXO A.....	94
ANEXO B	95

INTRODUÇÃO

O humor está presente em diversas esferas da atividade humana. Isso ocorre, pois, por meio dele, pode-se dizer certas coisas que em determinadas situações não seria possível. Humor não intenciona, apenas fazer rir. Pode funcionar tanto como uma ferramenta de denúncia, de crítica social, quanto servir como técnica argumentativa de extrema relevância para alcançar a adesão do auditório.

Embora constante em várias práticas sociais, o humor não é comum a todos os contextos, como é o caso do religioso. Fato que pode ser explicado pelo campo da religião ser considerado sério, contrariamente ao que o humor propõe¹. Neste trabalho, buscamos mostrar que essa visão de humor não procede, pois ele permite tocar em diversos assuntos de forma descontraída, sem desqualificar ou diminuir a seriedade do tema.

Nossos estudos partem dos pressupostos teóricos da retórica aristotélica e da Nova Retórica, tendo por objetivo central a investigação da função e relevância do humor presente na pregação “Reconstruindo as verdades de Deus”, proferida pelo pastor Cláudio Duarte. Em decorrência disso, nossos objetivos específicos são:

- a) identificar quais são as técnicas argumentativas responsáveis pela produção do humor na pregação em análise;
- b) estabelecer relações entre as técnicas argumentativas identificadas por meio do *logos*, a construção de imagem do orador (*ethos*) e a mobilização de emoções no auditório (*pathos*);
- c) observar como os recursos retóricos responsáveis pela deflagração do humor são capazes de aumentar a adesão do auditório ao discurso do orador.

¹ Segundo Travaglia (2015, p. 51), o texto humorístico caracteriza-se pela perspectiva da “comunicação não confiável, ou seja, há um rompimento do compromisso da comunicação com a seriedade, de ser algo válido em que se pode confiar, do princípio segundo o qual se alguém me diz algo, aquilo deve ser levado em conta com seriedade”.

Assim, esta pesquisa se justifica, principalmente, pelos seguintes motivos: em primeiro lugar, pela importância que o humor tem assumido ao longo da história e, especialmente, na sociedade contemporânea, com ampla disseminação em diversos campos e práticas da atividade humana. Em segundo lugar, este trabalho torna-se singular pelo fato de investigar a função e a importância do humor numa prática social religiosa, a pregação, em especial a de Cláudio Duarte. Como já dito, o contexto religioso tende a se caracterizar pelo tom de seriedade, não de humor.

Nas palavras de Citelli (2005), o discurso religioso é uma das áreas da vida humana em que se reconhece a presença da persuasão. Isso acontece porque o líder religioso baseia-se na voz de Deus, tornando o discurso incontestável para o auditório. Assim, questionamos:

a) Considerando que o humor não tende a ser comum nos gêneros religiosos em geral, qual é a sua função na pregação em análise?

b) Tendo em vista que partimos dos pressupostos teóricos da retórica aristotélica e da Nova Retórica, de que artifícios retóricos o orador se vale para persuadir seu auditório? O humor constituiria um expediente relevante nesse processo?

c) Levando-se em conta que, para ser persuadido, por meio do *logos*, o auditório constrói uma imagem do orador (*ethos*) e precisa ser tocado por determinadas emoções (*pathos*): qual imagem do orador é construída pelo auditório e quais as paixões movidas especialmente pelo humor produzido na pregação em análise? O *logos*, o *ethos* e o *pathos* auxiliam de que forma no processo de persuasão?

No que concerne às questões levantadas, esta pesquisa parte das seguintes hipóteses: a) O humor é de extrema relevância na pregação, visto que tem a função de contribuir para a eficácia do processo persuasivo: ao prender a atenção do auditório, esse expediente retórico é capaz de levar a adesão ao discurso do orador; b) Diferentes recursos retóricos e argumentativos são utilizados para produzir humor na pregação de Cláudio Duarte. No entanto, alguns são mais recorrentes e,

portanto, caracterizam o modo de persuadir do pastor em questão; c) O humor na pregação auxilia, a partir do *logos*, na construção de imagem do orador (*ethos*) e mobiliza diferentes paixões a fim de prender a atenção do auditório; dado que ajuda a aumentar a adesão às teses expostas, garantindo a eficácia do discurso.

Para alicerçar nossas investigações acerca dos pressupostos teóricos da retórica aristotélica e da Nova Retórica utilizamos, mormente, as proposições de Aristóteles (2000; 2003), Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), Reboul (2004), Meyer (2007) e Ferreira (2010).

Em relação ao gênero discursivo pregação religiosa, consideramos particularmente os estudos feitos por Figueiredo et al. (2009). No que diz respeito à contextualização sobre o discurso religioso, baseamo-nos principalmente nas reflexões tecidas por Figueiredo e Rodrigues (2008), Citelli (2005) e Nascimento (2012).

Em se tratando de questões sobre humor, partimos do que propõem Travaglia (1992), Bergson (2007), Propp (1992), Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) e, em especial, Carmelino (2009; 2012), já que a autora também discute questões de humor com base no referencial teórico da retórica e Nova Retórica.

A fim de investigar como alguns elementos prosódicos podem contribuir para a produção de humor e eficácia argumentativa em nosso objeto de análise, recorreremos aos estudos de Bollela (2006), Cagliari e Massini-Cagliari (2003) e Cagliari (2003).

Quanto à estrutura, este trabalho está organizado em cinco capítulos. No primeiro, apresentamos dados referentes à trajetória da retórica e sua constituição. No segundo momento, apresentamos pressupostos teóricos sobre humor e suas relações com a retórica. Na terceira parte do texto, abordamos questões acerca do discurso religioso, o gênero pregação e dados contextuais. O quarto tópico foi destinado aos procedimentos metodológicos, que concernem à constituição do objeto de análise, e informações referentes à transcrição. No quinto e último capítulo, foram realizadas nossas análises.

CAPÍTULO 1 – RETÓRICA: TRAJETÓRIA E CONSTITUIÇÃO

1.1 Origem, natureza, funções e características

A retórica é um invento dos gregos, por terem sido eles os criadores da técnica e, posteriormente, da teoria retórica. No entanto, parece ser improvável que os homens tenham feito uso da linguagem sem fins persuasivos, por esse motivo, pode-se considerar que ela exista antes mesmo dos registros oficiais de origem (REBOUL, 2004).

Reboul (2004) afirma que o surgimento da retórica não foi em Atenas, mas na cidade de Sicília, em 465 a.C.. A retórica era vista como terreno de incertezas, do duvidoso, do conflitante, visto que não há nela verdades absolutas, mas verdades contingentes e, diferente do que se pode imaginar, sua origem “não é literária, mas judiciária” (REBOUL, 2004, p. 2). A primeira definição do que seria retórica foi dada por Córax, discípulo do filósofo Empédocles, como “criadora de persuasão” (op. cit., p. 2).

Com Górgias é que a retórica surge numa nova fase estética e propriamente literária. A retórica de Górgias é considerada bastante sofisticada. O filósofo tornou-se conhecido por proferir “discursos elegantes, recheados de figuras e ritmos. Defendia a existência de um conhecimento relativo, não absoluto, que deveria ser valorizado na Filosofia” (FERREIRA, 2010, p. 42).

Quando surgiu na Sicília, em um contexto de incertezas com a derrubada da tirania, foi concedida aos proprietários lesados a defesa a fim de recuperarem seus bens. Alguns dos proprietários recorreram a retóricos para que os defendessem, tais intelectuais foram chamados de sofistas, visto que empregavam a sabedoria para favorecer a quem defendiam.

Com o tempo, o discurso passou, gradativamente, a se apresentar como belo e sedutor e os mestres ensinavam os discípulos a bem argumentar a fim de persuadir

em qualquer situação, para aparentar ter razão independente das circunstâncias, passando a prestar serviços a causas indiscriminadas, atitude reprovada por Platão.

Em “Górgias”, famoso diálogo de Platão, o filósofo condena, de forma incisiva, o uso indiscriminado da retórica que, para ele, era utilizada pelos sofistas de maneira insensata e, portanto, não poderia ser considerada uma arte, mas uma técnica para ludibriar, prestando um desserviço às causas verdadeiras (PLATÃO, [s/d]).

Assim, Platão rejeita a confiança atribuída pelos sofistas à linguagem e reconhece valor apenas caso seja conferido a serviço do pensamento, “único a atingir as ‘ideias’ a verdade inteligível”, segundo afirma Reboul (2004, p. 18). Nesse sentido, para Platão, o sofista é o contrário do filósofo.

Assim, os retóricos sofistas possuíam tendência ao pedagógico, visto que “questionavam francamente a tradição, valiam-se da radicalidade argumentativa, da reflexão centrada no homem e promoviam o desenvolvimento da eloquência” (FERREIRA, 2010, p. 42).

Nas palavras de Meyer (2007), a partir da condenação feita por Platão, a retórica foi vinculada ora à sedução, ora ao discurso da propaganda, sendo associada constantemente a um discurso manipulador; já a filosofia seria, nesse contexto, a libertadora dos espíritos prisioneiros dos discursos retóricos.

Aristóteles, discípulo de Platão, atribui um papel positivo à retórica defendendo-a como “exposição de argumentos ou discursos que devem ou visam persuadir” (MEYER, 2007, p. 21). Desse modo, em Aristóteles, a retórica era definida, “como a faculdade de observar, em cada caso, o que este encerra de próprio para criar a persuasão” (ARISTÓTELES, 2011, p. 44). Nesse sentido, era compreendida “como o poder, diante de quase qualquer questão que nos é apresentada, de observar e descobrir o que é adequado para persuadir” (op. cit., p. 44-45).

No entanto, durante muito tempo os estudos retóricos deixaram de ser priorizados e passaram por certo declínio, mas não deixaram de existir. Conforme Reboul (2004),

houve uma “falsa saída de cena”. Para o autor, “se a retórica perdeu o nome nem por isso morreu”, sobreviveu não apenas no ensino literário, nos discursos jurídicos, mas, também, renovou-se na comunicação de massa do século XX (p. 82).

Dentre as explicações dadas acerca da razão pela qual a retórica foi deixada em segundo plano, Ferreira (2010) comenta que

durante três séculos, a retórica afrontou diretamente a orientação cartesiana de só considerar as demonstrações traduzidas em ideias claras, revestidas de provas lógicas. Considerada menor e empolada, mera prática mundana composta de prosaicos artifícios estilísticos, a retórica foi preterida pelas ciências exatas porque um sistema de pensamento sustentado unicamente em uma ciência racional não poderia se contentar com opiniões mais ou menos aceitáveis, nem com demonstrações obtidas a partir de premissas apenas plausíveis. As ciências naturais requeriam provas analíticas, aquelas obtidas por meio de premissas absolutamente verdadeiras e universalmente válidas. A retórica não acreditava plenamente nisso e, se os ventos não mudassem, poderia sucumbir. Assim, mudou um pouco e sobreviveu (p. 45-46).

Na segunda metade do século XX, estudiosos ressignificaram os estudos em retórica. O objetivo dessa Nova Retórica passa a ser o “estudo de técnicas discursivas que permitem provocar ou aumentar a adesão dos espíritos às teses que se lhes apresentam ao assentimento” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 4).

A chamada Nova Retórica não pretende, como antes, dar prioridade à técnica de produzir discursos, mas, preocupa-se, principalmente, em oferecer formas que possibilitem interpretar discursos.

Nessa nova fase, os estudos retóricos são mais abrangentes, pois incorporam “todas as formas modernas de discurso persuasivo” (FERREIRA, 2010, p. 46), como a publicidade, a poesia e até mesmo produções não verbais. Assim, toda forma de discurso pode ser uma construção retórica.

No que diz respeito às funções da retórica, apesar de a mais usual ser a persuasiva, por esta decorrer da definição primeira de retórica como a arte de persuadir, ela não é a única. Há, também, as funções: hermenêutica, heurística e pedagógica.

Na função persuasiva, para que o orador alcance seu objetivo, são necessários meios que possibilitem a obtenção da persuasão, sejam eles racionais (*logos*) ou afetivos (*ethos* e *pathos*), uma vez que, em retórica, razão e emoção se confundem num processo complexo e indissociável.

O *logos* é um meio associado à razão sendo, nesse sentido, a prova lógica e refere-se ao discurso, utilizando raciocínios (sejam eles dedutivos ou indutivos) como meios de persuadir. Já o *ethos* e o *pathos* são as provas construídas a partir do discurso (*logos*) e estão vinculadas aos meios de natureza afetiva; trataremos desses meios mais detalhadamente em outro momento do texto.

A função hermenêutica é compreendida como “a arte de interpretar textos” (REBOUL, 2004, p. XIX). Assim, para atingir seu objetivo de persuadir, é necessário que o orador conheça seu auditório e esteja consciente que críticas (ou posições contrárias) podem surgir. Dessa forma, não “se ensina mais retórica como arte de produzir discursos, mas como a arte de interpretá-los” (op. cit., p. XIX).

A função heurística é definida por Reboul (2004, p. XX) como “uma função da descoberta”. Isso porque um preceito da retórica é que o orador jamais está sozinho e cabe a um terceiro a decisão em debates polêmicos, levando em consideração os procedimentos pertinentes em cada situação. Assim, quando utilizamos a retórica não o fazemos apenas pelo poder, mas para saber alguma coisa.

No que concerne à função pedagógica, Reboul (2004) defende que todas as funções mencionadas anteriormente estão inseridas, de certo modo, no ensino, por esse motivo, a função pedagógica é compreendida como cultura geral. É certo que cultura não se restringe ao conteúdo escolar, mas a cultura retórica é fundamental para a formação do sujeito, visto que “aprender a arte de bem dizer é já e também aprender a ser” (p. XXII).

Como pudemos perceber, a Nova Retórica seguiu os postulados da retórica aristotélica ampliando alguns aspectos teóricos e analíticos. Nessa nova perspectiva, destacam-se a função persuasiva e hermenêutica, a primeira originada

da definição dada por Córax como “criadora de persuasão” (REBOUL, 2004, p. 2), a outra redefine e amplia a compreensão dos estudos retóricos incorporando a arte de interpretar discursos.

1.2 A composição do discurso retórico: contexto, partes, gêneros

Para conquistar a adesão, o orador deve mover o auditório a partir da razão e da emoção. O contexto, o caráter dos envolvidos, os valores culturais, éticos e morais da assembleia são fatores que contribuem para eficácia do discurso.

Assim, de acordo com Ferreira (2010, p. 31), o contexto retórico pode ser entendido como o “conjunto de fatores, históricos, culturais, sociais etc., que exercem influência no ato de produção e de recepção dos discursos”. Desse contexto é que surge o discurso retórico.

O discurso retórico se configura pela intenção de levar o auditório a aderir ao ponto de vista do orador, a persuadir. Por se dirigir ao homem (em referência ao gênero humano), a persuasão explora a razão e a afetividade a fim de levar alguém a aceitar determinado ponto de vista.

O discurso retórico é constituído por quatro partes: a invenção (*heurésis*, em grego), a disposição (*taxis*), a elocução (*lexis*) e a ação (*hypocrisis*). Essa é uma maneira didática de apresentar a forma como o discurso pode ser construído para obter sucesso, mas não se trata de uma ordem que deve necessariamente ser seguida e sim de elementos que são essenciais para o discurso.

Assim, como destaca Reboul (2004), pouco importa a ordem em que ocorrem, as quatro partes do discurso são, na verdade, tarefas que o orador deve cumprir para organizar seu discurso. Dessa forma, o orador, independente de qual seja o discurso, deve cumprir a tarefa que cada parte representa. Veremos adiante cada parte de forma detalhada.

Há, entretanto, a necessidade de, antes de empreender um discurso, questionar sobre qual o assunto se pretende discorrer, o tipo de discurso e o gênero que será mais adequado para a situação de interação.

De acordo com a retórica clássica, são três os gêneros oratórios: judiciário, deliberativo e epidíctico. Segundo Aristóteles (2011), o discurso judiciário (ou forense) está relacionado à acusação ou à defesa de alguém; o discurso deliberativo (ou político) é aquele que induz a fazer ou não algo; já o discurso epidíctico (ou demonstrativo) vincula-se ao louvor ou à censura a alguém.

Logo, conforme Aristóteles (2011), da mesma forma que há três gêneros retóricos, são três os elementos que compõem o discurso: o orador, o assunto e a pessoa a que se dirige o discurso. É o “último elemento, o ouvinte, aquele que determina a finalidade e o objeto do discurso” (p. 53). O auditório atua como um juiz decidindo a respeito da causa exposta.

Ainda sobre os gêneros retóricos, é importante considerar o quadro elaborado por Mosca (2001), que resume de forma clara a finalidade de cada gênero retórico, relacionando-o a elementos como tempo, categoria, auditório, avaliação e tipo de argumento:

QUADRO 1- OS GÊNEROS RETÓRICOS

	Finalidade	Tempo	Categoria	Auditório	Avaliação	Argum. Tipo
Judiciário	Acusar/ defender	Passado	Ética	Juiz/ jurados	Justo/ injusto	Entinema (dedutivo)
Deliberativo	Aconselhar/ desaconselhar	Futuro	Epistêmico	Assembleia	Útil/ prejudicial	Exemplo (indutivo)
Epidíctico	Elogiar/ censurar	Presente	Estética	Espectador	Belo/ feio	Amplificação

Fonte: MOSCA (2001, p. 32)

Embora sejam bem delineados, conforme ressalta Mosca (2004), na realidade, os três gêneros retóricos podem ocorrer em um mesmo discurso, “numa relação de dominância e não de exclusão” (p. 32). Essa interligação dos discursos ocorre com a finalidade de alcançar a adesão do auditório, ou seja, com o intuito de persuadir.

1.2.1 A invenção

A invenção (*heurésis*) diz respeito aos lugares que possibilitam tirar os argumentos, as provas (intrínsecas ou extrínsecas) ou qualquer outro meio que sustentará o discurso a fim de atingir a persuasão. Para tanto cabe ao orador demonstrar vasto conhecimento acerca do assunto sobre o qual discorre.

Os lugares podem constituir argumentos. Reboul (2004) explica que o termo “lugares” é tão usual quanto obscuro e, em caso de dúvida, pode ser substituído pelo vocábulo “argumentos”. Segundo o autor, há três sentidos para a palavra, vejamos:

- O primeiro sentido apresentado é que se trata de um argumento-tipo em que o orador pode usar em determinado momento, ou seja, um argumento pronto, muitas vezes aprendido/decorado. Conforme Reboul (2004, p. 51), numa “forma menos rígida esses lugares são encontrados em toda a retórica antiga”. Nesse primeiro sentido, o “lugar” varia conforme as culturas. Assim, são “encontrados no discurso epidíctico: *os melhores são os que partem...*” (op. cit., p. 51); e podem, também, ser observados em outros discursos.
- O segundo sentido refere-se à composição de um esquema que possibilita êxito em diversas situações, são “lugares-comuns”, pois podem ser aplicados com conteúdos diversos, tratando-se, portanto, de um tipo de argumento. Um exemplo é o lugar do mais e do menos, argumento “incontestável se aplicado a realidades homogêneas, caso do dinheiro: quem pode dar mil francos pode dar cem” (REBOUL, 2004, p. 52). O que pode ser notado também em realidades heterogêneas, apesar de não ser tão evidente, como ocorre com a questão do poder: “uma enfermeira pode coisas que um médico não pode, etc. Quem pode o mais não pode necessariamente o menos” (op. cit., p. 52). Cabe esclarecer que os lugares não são dicotômicos, como podemos notar, o segundo depende do primeiro.

- O terceiro é o sentido mais técnico, uma vez que não se refere a um “argumento-tipo nem um tipo de argumento, mas a uma questão típica que possibilita encontrar argumentos e contra-argumentos” (REBOUL, 2004, p. 52). Neste caso, o lugar seria uma questão que possibilita encontrar argumentos que forneçam respostas à tese apresentada, a constituir uma “verdade provável”. Um exemplo simples dado por Reboul (2004) é de um estudante que precisa fazer uma dissertação, mas não sabe ainda que plano adotar: “se um plano por perguntas ou um plano por tese-antítese-síntese; o fato de interrogar-se assim só é possível através de um lugar: a questão dos tipos de planos!” (p. 53).

A invenção, para Mosca (2001, p. 28), trata-se de uma “retórica de conteúdo”. Reboul (2004, p. 54), por sua vez, observa que, no sentido moderno, refere-se à “criação de argumentos e de instrumentos de troca”, é a tópica de que trata Aristóteles.

Conforme Aristóteles (2011), todos os oradores precisam argumentar independente da finalidade de seus discursos (seja aconselhar, louvar, censurar, acusar ou defender), isso porque há necessidade de revelar os tópicos do possível e do impossível, fatos ocorridos ou que podem ocorrer.

O filósofo apresenta uma lista com diversos lugares que funcionam como premissas para os raciocínios retóricos e dialéticos, entretanto, consideramos que sejam relevantes para esta pesquisa as classificações dos lugares de quantidade, de qualidade, de ordem, do existente, da essência e da pessoa, apresentados por Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005). Vejamos cada um deles a seguir.

1.2.1.1 Os lugares retóricos

Os lugares retóricos são grandes depósitos de argumentos, os quais são usados a fim de estabelecer acordos com o auditório assegurando a adesão. Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) ressaltam não terem a intenção de apresentar uma lista

exaustiva de lugares retóricos, mas em agrupar os que aderem a todos os auditórios, sejam quais forem.

- a) **Lugar da quantidade:** busca mostrar que algo é superior a outro por causas quantitativas. Números sempre impressionam, sendo, portanto, altamente persuasivos. Cabe ressaltar que a superioridade relacionada à quantidade “aplica-se tanto aos valores positivos como aos negativos” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 97).
- b) **Lugar da qualidade:** lugar retórico que visa afirmar que algo se destaca aos demais da mesma espécie por ser de qualidade superior, destacando-o. O lugar da qualidade, segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p.101), “redonda na valorização do único que, assim como o normal, é um dos pivôs da argumentação”.
- c) **Outros lugares:** Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 105) defendem que os lugares da quantidade e da qualidade são como “pontos de partida” da argumentação, no entanto, ressaltam a relevância de outros lugares, vejamos:
- Lugar da ordem: hierarquiza revelando superioridade pela classificação (anterior – posterior);
 - Lugar do existente: afirma a superioridade do que é real sobre o que é apenas possibilidade ou até impossível, usando a experiência para estabelecer o acordo;
 - Lugar da essência: marca superioridade a partir dos seres que representam determinada classe, caracterizando-os como modelos a serem seguidos;
 - Lugar da pessoa: destaca o humano por alguma atitude que seja considerada digna, superior. Nesse sentido, está vinculado à

dignidade, ao mérito, à autonomia da pessoa (PERELMAN; OBBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 107).

1.2.2 A disposição

A disposição diz respeito à macroestrutura textual. O orador organiza seu discurso de forma coerente, distribuindo seus argumentos de maneira plausível e lógica para atingir a persuasão.

A invenção e a disposição se fundem, pois são dois processos que ocorrem simultaneamente e as outras partes do discurso (elocução e ação) também exercem influência sobre elas. Apenas estudamos os pilares do discurso de forma separada para facilitar a compreensão, ou seja, para fins didáticos.

Apesar de ser um plano para o discurso, tais partes não são tão rígidas. Essa organização pode ser disposta em quatro partes, vejamos sinteticamente cada uma delas:

- exórdio: é a introdução do discurso retórico. Sua finalidade é alcançar do auditório a “benevolência ou provocar sua cólera, algumas vezes atrair sua atenção ou, ao contrário, fazê-lo distrair-se” (ARISTÓTELES, 2011, p. 254);
- narração: refere-se à exposição dos fatos com suas causas, deve ser “sempre orientada segundo as necessidades da acusação ou da defesa” (REBOUL, 2004, p. 56);
- confirmação: está ligada à narração, pois é o momento em que são apresentadas as provas, ordenando os argumentos fortes e fracos que podem destruir os argumentos adversários (REBOUL, 2004);
- peroração: é a parte final do discurso e pode ser subdividida em: recapitulação, apelo ao ético e ao patético, amplificação da ideia defendida

(FERREIRA, 2010). Cabe ressaltar que a peroração é o “momento por excelência em que a afetividade se une à argumentação, o que constitui a alma da retórica” (REBOUL, 2004, p. 60).

1.2.3 A Elocução

De forma breve e técnica, a elocução corresponde à redação do discurso retórico atuando sobre o material da disposição. Envolve mais que questões estilísticas, uma vez que abrange o tratamento da língua e a relação forma e conteúdo (FERREIRA, 2010).

Há três pontos que precisam ser conservados em se tratando de estilo, eles correspondem respectivamente ao assunto, ao auditório e ao orador. O primeiro ponto corresponde à conveniência. Conforme Reboul (2004), o estilo mais eficaz é o que se adapta ao assunto. O orador perspicaz adere ao estilo que seja mais conveniente ao assunto: “o nobre para comover (*movere*), sobretudo na peroração; o simples para informar e explicar (*docere*), sobretudo na narração e na confirmação; o ameno para agradar (*delectare*), sobretudo na exórdio e na digressão” (p. 62).

O segundo ponto diz respeito à clareza, visto que é fundamental a adaptação do estilo ao auditório, pois o que é fácil de ser compreendido para determinado auditório pode não ser para outro. O terceiro ponto refere-se ao orador que deve revelar-se no discurso: “ser colorido, alerta, dinâmico, imprevisto, engraçado ou caloroso, numa palavra: vivaz” (REBOUL, 2004, p. 63).

1.2.4 A ação

A ação é a operação final do sistema retórico. Essa etapa considera a presença do auditório, visto que diz respeito ao ato da comunicação, o momento de proferição do

discurso. A finalidade da ação é conquistar a atenção do auditório e alcançar a persuasão.

Orador e auditório, nesse sentido, estão envolvidos na transmissão e na recepção do discurso, incluindo, portanto, elementos relativos à gestualidade (*kinésica*) e ao espaço (*proxêmica*). Nesse sentido, é possível fazer observar o diálogo de recursos verbais e não verbais (FERREIRA, 2010). O essencial é considerar o auditório para o qual se destina, uma vez que não se convence apenas pelos raciocínios, mas, também, com base na emoção (MOSCA, 2001).

1.3 As provas retóricas

Para Aristóteles (2011), como já dito, alguns meios de persuadir são de natureza afetiva (o *pathos* e o *ethos*), enquanto outros são de ordem racional (o *logos*). O *logos* é a prova retórica que se refere ao próprio discurso. Na verdade, como destaca Ferreira (2010), a forma como os argumentos são dispostos no texto pode agir persuasivamente sobre os interlocutores. E tais argumentos, dependendo da maneira que forem dispostos, são capazes de formar uma imagem do orador (*ethos*) e despertar paixões em seu auditório (*pathos*). A seguir veremos de forma mais detalhada cada uma dessas provas retóricas.

1.3.1 O *ethos*

A noção de *ethos* teve sua primeira definição conceitual elaborada por Aristóteles. O *ethos* constitui uma das três provas engendradas pelo discurso (*logos*, *ethos* e *pathos*) e simboliza o orador, ou melhor, a imagem que o orador constrói de si através do discurso. Segundo Aristóteles, a

persuasão é obtida graças ao caráter pessoal do orador, quando o discurso é proferido de tal maneira que nos faz pensar que o orador é digno de crédito. Confiamos em pessoas de bem de modo mais pleno e mais prontamente do que em outras pessoas, o que é válido geralmente, não

importa qual seja a questão, e absolutamente válido quando a certeza exata é impossível e há divergência de opiniões (2011, p. 45).

Assim, em Aristóteles, o *ethos* diz respeito à imagem construída pelo orador a partir do seu discurso a fim de chamar a atenção do auditório e ganhar a sua confiança.

Conforme Meyer (2007), o *ethos* se liga à pessoa, à imagem que o orador projeta de si para o auditório tornando-o (ou não) crível. Dessa forma, o “*ethos* se apresenta de maneira geral como aquele ou aquela com quem o auditório se identifica, o que tem como resultado conseguir que suas respostas sobre a questão tratada sejam aceitas” (p. 35).

Como é possível notar, o *ethos* é diferente dos atributos reais do locutor, embora tenha relações com ele, mas essa relação tem vínculo apenas com os traços deixados pelo orador em seu discurso, ou seja, a partir da maneira de dizer do orador.

Amossy (2008) explica que “todo ato de tomar a palavra implica a construção de uma imagem de si”. No entanto, “não é necessário que o locutor faça seu auto-retrato, detalhe suas qualidades nem mesmo que fale explicitamente de si”. Para construir a representação da imagem do orador, pode-se observar “seu estilo, suas competências linguísticas e enciclopédicas, suas crenças implícitas são suficientes” (p. 9).

Com base nos pressupostos da Nova Retórica, o *ethos* retórico “pode ser entendido como um conjunto de traços de caráter que o orador mostra ao auditório para dar uma boa impressão”. Nesse sentido, não importa “se o orador é ou não sincero: a eficácia do *ethos* é distinta dos atributos reais de quem assume o discurso” (FERREIRA, 2010, p. 21).

A partir do discurso, o auditório julga se o orador é “digno de fé”. Tal confiança é adquirida a partir de características que convençam e comovam o auditório, revelando conhecimento da causa apresentada, aparentar honestidade e demonstrar confiança são atitudes fundamentais para tornar a imagem crível.

Convém esclarecer, no entanto, como o faz Meyer (2007), que há um *ethos* projetivo e um *ethos* efetivo. O *ethos* projetivo diz respeito à imagem que é projetada pelo auditório, ou seja, o que o auditório imagina e tende a adaptar-se. Já o *ethos* efetivo vincula-se a aquele que fala de forma efetiva. A princípio esses *ethé* se diferem, mas, posteriormente pode haver três possibilidades, “a congruência do *ethos* projetado e do *ethos* efetivo: o orador procura obter o assentimento de seu auditório [...]; a ruptura entre os dois *ethos* [...]; a defasagem entre o *ethos* projetivo e *ethos* efetivo pode ser deliberada e positiva” (MEYER, 2007, p. 54).

Nesse sentido, como é possível notar, o *ethos* é a prova afetiva que está vinculada à imagem que o orador projeta de si por meio do discurso. Veremos agora outra prova afetiva, mas que está relacionada às emoções que são desencadeadas no auditório a partir do discurso do orador: o *pathos*.

1.3.2 O *pathos*

O *pathos* se vincula ao conjunto de emoções e sentimentos que o orador consegue, a partir do discurso, despertar no auditório e não ao que ele possui por natureza. Segundo Aristóteles (2000, p. 5), as “paixões são todos aqueles sentimentos que, causando mudança nas pessoas, fazem diferir seus julgamentos”.

Aristóteles (2000) divide as paixões em quatorze tipos, a saber: a cólera, a calma, o amor, o ódio, o temor, a confiança, a vergonha, a impudência, o favor, a compaixão, a indignação, a inveja, a emulação, o desprezo.

As paixões tocam e mexem com os sentimentos dos indivíduos, levando-os a ignorar a razão e modificar o modo de pensar ou agir. Além disso, para o filósofo, as paixões são como formas de consciências de si, pois nos preocupamos com o que os outros pensam a nosso respeito e buscamos encontrar uma resposta a tal julgamento e vice-versa.

Ademais, em um discurso retórico, o orador pode ter sua habilidade oratória dimensionada através de sua capacidade de “impressionar mais ou menos [...], de atingir e ativar as paixões de seus ouvintes, de atrair o interesse, de prolongar a atenção em busca da motivação para o estabelecimento do acordo pretendido” (FERREIRA, 2010, p. 105).

A paixão, além de ser “um poderoso reservatório para mobilizar o auditório em favor de uma tese”, é uma resposta a um problema que se apresenta, e “há paixão na cólera que insulta, assim como no amor, que visa à aproximação” (MEYER, 2007, p. 38).

Cabe destacar que, para atingir a finalidade de persuadir, não interessa quais as paixões o orador traz em si, importa apenas aquelas que ele é capaz de mover no auditório. Assim, “o orador deve seduzir o ouvinte, tocando em suas paixões, para convencê-lo da tese que lhe é defendida não como uma verdade absoluta, mas de acordo com as circunstâncias da vida” (LACERDA, 2013, p. 16-17).

Como vimos, o *pathos* está diretamente vinculado ao auditório. Dessa forma, importa entender o que vem a ser auditório (assembleia). Conforme Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), trata-se do “conjunto daqueles que o orador quer influenciar com sua argumentação”. Para os autores, cada “orador pensa, de uma forma mais ou menos consciente, naqueles que procura persuadir e que constituem o auditório ao qual se dirigem seus discursos” (p. 22).

Conhecer a natureza do auditório é fundamental para o sucesso do empreendimento retórico, uma vez que possibilita saber quais argumentos deverão ser empregados. Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) consideram três espécies de auditórios. O primeiro é constituído pela humanidade geral, e é nomeado de universal; o segundo é formado pelo interlocutor a quem o discurso é destinado; e o último é constituído pelo próprio sujeito, quando ele figura as motivações de seus atos.

No entanto, Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) esclarecem que “o indivíduo que delibera ou o interlocutor do diálogo podem ser percebidos como um auditório

particular, cujas reações conhecemos e cujas características somos ao menos capazes de estudar” (p. 34). A partir do exposto, consideramos, como fazem os autores, dois tipos de auditórios: o auditório universal e o auditório particular.

Nesse sentido, o auditório universal é aquele constituído por um público sobre o qual o orador não tem controle, como ocorre com os programas televisivos. Já o auditório particular é aquele que permite maior controle da assembleia como, por exemplo, uma sala de aula, em que é possível prever a faixa etária e classe social da maior parte do auditório.

É preciso, no entanto, ter cautela e adequar o discurso ao auditório, uma vez que há possibilidade de um auditório particular tornar-se universal, como ocorreu com a pregação religiosa de Cláudio Duarte. Inicialmente destinada a um público particular: membros da igreja Batista Monte Horebe, mas, posteriormente, com a divulgação de gravações de seus discursos na Internet, o auditório tornou-se universal.

Além disso, cabe esclarecer que, assim como há o *ethos* efetivo e o *ethos* projetado, existe também um *pathos* efetivo e um *pathos* projetado e ambos interagem no intuito de comprovar, em relação ao *ethos*, que a imagem projetada pelo auditório corresponde à imagem efetiva. No caso do *pathos*, o orador tende a projetar o *pathos* efetivo do auditório. Isso ocorre, pois há diversos fatores que devem ser considerados (culturas, crenças etc.) e podem (ou não) contribuir para a construção de imagem e mobilização de emoções do orador e auditório, respectivamente.

Tendo em vista o exposto, passaremos agora a explicar acerca do próprio discurso (*logos*), a partir do qual a imagem do orador é construída e as emoções são desencadeadas no auditório.

1.3.3 O *logos*

O *logos* “é tudo aquilo que está em questão” (MEYER, 2007, p. 45), diz respeito ao discurso propriamente dito e, por esse motivo, é considerado uma prova lógica, visto que está relacionado à palavra, à razão.

Nesse sentido, conforme ressalta Ferreira (2010, p. 17), o “discurso pode revestir-se de diversas tipologias, numa dependência direta da questão subjacente ou expressamente colocada”, assim, os argumentos, as figuras, a escolha lexical que perpassam o discurso dizem respeito ao *logos* e é sobre tais noções que discorreremos a seguir.

1.3.3.1 Argumentos

Aristóteles foi o primeiro teórico a propor uma classificação dos argumentos e os separou em duas categorias: os entimemas, argumentos que derivam de raciocínios silogísticos, mais próximos à lógica e visam à adesão de um auditório mais especializado; e os exemplos, argumentos por indução que são mais adequados ao grande público, uma vez que são de caráter mais afetivo que o raciocínio silogístico (REBOUL, 2004, p. XVII).

No entanto, neste trabalho, utilizaremos a reelaboração dos argumentos proposta por Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) no *Tratado de Argumentação*, por ser uma classificação mais completa e, nesse sentido, mais comumente adotada. Por esse motivo, exporemos abaixo a descrição das categorias apresentadas pelos autores.

Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) classificam os argumentos em dois processos, são eles: os de ligação, referindo-se a “esquemas que aproximam elementos distintos e permitem estabelecer entre estes uma solidariedade que visa, seja estruturá-los, seja valorizá-los positiva ou negativamente um pelo outro” (p. 215); e os de dissociação, “técnicas de rupturas com o objetivo de dissociar, de separar, de desunir elementos considerados um todo, ou pelo menos um conjunto solidário dentro de um mesmo sistema de pensamento” (op. cit., p. 215).

Em se tratando das técnicas argumentativas que ajudam a incitar e/ou aumentar a adesão às teses apresentadas, Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) no *Tratado da argumentação*, propõem quatro argumentos, a saber: argumentos quase lógicos, argumentos fundados na estrutura do real, argumentos que fundam a estrutura do real e argumentos por dissociação.

Os argumentos quase lógicos são os considerados semelhantes ao pensamento formal, uma vez que se apresentam “como comparáveis a raciocínios formais, lógicos ou matemáticos” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 219). Apesar da aparência lógica, buscam a identidade ou a transitividade e não fazem apelo à experiência, uma vez que procuram demonstrar. No entanto, como são quase lógicos, possibilitam a refutação (FERREIRA, 2010).

São argumentos quase lógicos: o ridículo, identidade e definição na argumentação, a regra de justiça, argumentos de reciprocidade, argumentos de transitividade, a inclusão da parte pelo todo, a divisão do todo em suas partes, argumentos de comparação, argumentação pelo sacrifício, probabilidades (cf. PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 221-294).

Já os argumentos baseados na estrutura do real fundamentam-se na realidade a fim de estabelecer conexões com seu auditório. Estabelecidas as ligações, os raciocínios não se apoiam na lógica, mas na experiência, pois é mais relevante explicar do que implicar. Assim, são considerados argumentos fundados na estrutura do real: o argumento pragmático, o argumento do desperdício, o argumento de direção, o argumento de superação, o argumento de autoridade, o argumento de hierarquia dupla (cf. PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 297-398).

Os argumentos que fundam a estrutura do real são aqueles que se baseiam em casos particulares, “os argumentos por analogia que se esforçam em reestruturar certos elementos do pensamento em conformidade com esquemas aceitos em outros campos do real” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 216-217). Compõem este tipo o exemplo, a ilustração, o modelo e o antimodelo, a analogia e a metáfora (cf. PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 399-465).

Os argumentos por dissociação, segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), são aqueles argumentos que visam resolver incompatibilidades do discurso a fim de restabelecer uma percepção coerente.

Outra técnica eficiente para alcançar a persuasão no discurso é uso das figuras retóricas, conforme veremos a seguir.

1.3.3.2 As figuras

As figuras retóricas por um longo tempo foram compreendidas como artifício de ornamentação/ enfeite do discurso e, por essa razão, eram consideradas de pouca utilidade. Essa maneira de entender as figuras retóricas distanciou a retórica de seu sentido pleno, tornando-se o centro da retórica, contribuindo, assim, para o declínio dos estudos retóricos, como vimos anteriormente.

Entretanto, com a retomada dos estudos retóricos no século XX, as figuras adquiriram uma dimensão argumentativa que ultrapassa a expressão da subjetividade, pois pretendem “impressionar pela emoção e condensar valores necessários para estabelecer a argumentação” (FERREIRA, 2010, p.105). Desse modo, como ressalta Fiorin (2014, p. 10), “estão sempre a serviço da persuasão”.

Conforme Reboul (2005, p. 114), as figuras retóricas têm função argumentativa. Para o autor “se o argumento é o prego, a figura é o modo de pregá-lo...”. Logo, a figura seria “uma fruição a mais, uma licença estilística para facilitar a aceitação do argumento”.

A grande força persuasiva presente nas figuras retóricas, segundo Abreu (2009, p. 109), deve-se à ativação do “nosso sistema límbico, região do cérebro responsável pelas emoções. Elas funcionam como cenas de um filme, criando atmosferas de suspense, humor, encantamento, a serviço dos nossos argumentos”.

Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) compreendem o valor argumentativo das figuras retóricas, entretanto, ressaltam que mais relevante que estudar o problema das figuras em seu conjunto é “mostrar *em que e como o emprego de algumas figuras determinadas se explica pelas necessidades da argumentação*” (grifos dos autores, p. 190).

As figuras retóricas apresentam muitos tipos, uma das classificações mais adotadas é a proposta por Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), que as separa em três grupos, de acordo com o efeito produzido no discurso: figuras de escolha, que se referem à maneira como os fatos são caracterizados; da presença, que visam despertar o sentimento de presença no objeto de discurso; e de comunhão, que o orador se vale na busca de criar união com auditório.

Nesse sentido, abaixo trataremos de algumas figuras retóricas relevantes para a argumentação e produção de humor em nosso objeto de análise.

- a) **A ironia:** é comumente utilizada como técnica de produção de humor e estratégia de crítica. Isso ocorre, pois possibilita uma ampliação do sentido, podendo significar o inverso do que é exposto. Para Fiorin (2014, p. 70), essa figura é “utilizada para criar sentidos que vão do gracejo até o sarcasmo, passando pelo escárnio, pela zombaria, pelo desprezo, etc.”. Além disso, ainda segundo o autor, a “ironia pode ter várias dimensões. Vai desde uma palavra até uma obra toda, passando por passagens de diferente extensão de uma dada obra” (op. cit., p. 70).

Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 235) defendem ser a ironia uma forma de argumentação indireta, mas para que seja empregada é preciso haver um acordo entre os envolvidos. Vejamos um exemplo apresentado pelos autores

Realmente, o povo de Oreu teve muito do que regozijar por se ter posto nas mãos dos amigos de Filipe e por ter afastado Eufreu! Tiveram do que se regozijar, os eretrienses, por terem mandado embora os vossos deputados e por se terem entregue a Clitarco! Ei-los escravos, açoitam-nos e degolam-nos!

A partir desse exemplo, os autores afirmam que a “ironia é pedagógica porque, se o povo Oreu e os eretrienses não podem fazer mais nada, o povo de Atenas, este, ainda pode escolher” (op. cit., p. 236).

Conforme Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), para que a ironia seja empregada de forma eficiente são necessários conhecimentos complementares acerca dos fatos, e seu uso é possível em todas as situações argumentativas, sendo mais eficiente quando direcionada a um grupo específico.

- b) **A alusão:** é usada quando se faz referência de forma indireta a um texto. Tal menção pode “consistir num acontecimento do passado, num uso ou num fato cultural, cujo conhecimento é próprio dos membros do grupo com os quais o orador busca estabelecer comunhão” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 201).

Para Tringali (1988, p. 140), seria quando se “explica alguma coisa por meio de uma referência a um outro fato conhecido” do auditório. Podemos compreender, portanto, que a figura de alusão permite que o auditório faça inferência sobre algo mencionado pelo orador completando o sentido do que foi enunciado.

Segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 201), o uso da figura retórica de alusão “aumenta o prestígio do orador que possui e sabe utilizar tais riquezas”. A fim de exemplificar, os autores resgatam Mirabeau nesta passagem citada por Baron: “Eu não necessitava dessa lição para saber que não há mais que um passo do Capitólio à rocha Tarpeia”. A frase alude à expressão “Do Capitólio à rocha Tarpeia não vai mais que um passo” e é usada quando se quer dizer que algo ruim (imoral) pode ocorrer após um grande triunfo. Isso porque Capitólio é o nome de um templo da Roma antiga dedicado a Jupiter. Próximo ao templo havia a rocha Tarpeia, lugar em que eram precipitados os traidores de Roma.

- c) **O Pseudodiscurso direto:** é uma figura de presença em que “aumenta-se o sentimento de presença atribuindo ficticiamente palavras a uma pessoa ou a várias conversando entre si” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 200).

Conforme ressaltam Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 200), o “pseudodiscurso direto dará a conhecer as intenções que se atribuem a alguém ou o que se crê ser a opinião de outrem sobre essas intenções”. Além disso, pode “ser apresentado como meio pronunciado, meio pensado”. Como exemplo deste “último modo muito ambíguo, Browning utilizou-o amplamente em seu célebre poema *The Ring and the Book*”, lembram os autores.

- d) **A Onomatopeia:** diz respeito à imitação/ reprodução de uma palavra para evocar um ruído real. No entanto, conforme Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), ela não fica restrita a essa reprodução, pois está também no “uso inusitado de palavras existentes, pouco importando, aliás, que o som reproduza exatamente ou não o ruído do que se quer tornar presente, apenas a intenção de imitação parece contar” (p.198). Os teóricos mencionam a divertida constatação de Dumarsais ao citar “como exemplo de onomatopeia ‘bilbit amphora’ que traduz por ‘a garrafinha faz gluglu’” (op. cit., p.198).

1.3.3.3 A escolha lexical

As técnicas de persuasão não se restringem à escolha de argumentos e figuras, elas podem ser vistas no modo como são expostos os dados. A escolha dos itens lexicais que compõem o discurso, a exemplo, tem alcance argumentativo, como nos lembra Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005).

A escolha dos itens lexicais, nesse sentido, auxilia (mesmo indiretamente) na argumentação. Dessa forma, não “existe escolha neutra – mas há uma escolha que *parece* neutra e é a partir dela que se podem estudar as modificações argumentativas” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 169, grifos nossos).

Optar por um “estilo neutro” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 173) na argumentação pode aumentar a credibilidade do orador, uma vez que a argumentação insistente pode transparecer um descrédito com o auditório subestimando sua capacidade de compreensão, em contrapartida, a argumentação mais neutra revela que o orador crê no alto grau de informatividade do auditório.

Algumas construções são argumentativas por excelência, como é o caso das construções sindéticas. O uso dos conectivos nas construções cria contextos, constituindo uma “tomada de posição” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p.178), levando o leitor (auditório) a perceber as relações semânticas, limitando as interpretações e construindo, assim, um discurso mais sedimentado.

A maneira como são dispostas as informações, os termos que são usados podem favorecer a comunhão do orador com o auditório. Algumas expressões e palavras refletem o campo cultural de determinados grupos, contribuindo assim para a argumentação (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005).

1.3.3.4 A prosódia

Os elementos prosódicos são fundamentais na construção de um discurso, uma vez que são os responsáveis pela entonação do discurso e podem conferir sentido de forma diferente ao que denotam os significados originais das palavras. A palavra prosódia, segundo Bollela (2006, p. 114), diz respeito “ao conjunto de fenômenos que se localiza além ou ‘acima’ (hierarquicamente) da representação segmental linear dos fonemas”.

Cagliari (1992) ressalta que a atitude do falante vai, por vezes, atribuir um sentido novo ou diferente ao significado original de determinadas palavras. Fatores relacionados à sintaxe não influenciam nesses casos, como ocorre com a ironia que tem maior relação com a atitude do falante do que com fatores estruturais.

Outro exemplo apresentado pelo autor é a partir da frase “João tem uma casa”. Conforme Cagliari (1992), o enunciado tem sentido diferente caso a palavra “casa” tenha a sílaba tônica “ca” alongada de forma excessiva (“caaaaasa”). Nesse caso, seria como se o orador dissesse “João tem uma casa muito bonita” ou “João tem uma excelente casa” (p.142).

Para Scarpa (1999), o termo prosódia, nos estudos linguísticos, diz respeito a “uma gama variada de fenômenos que abarcam os parâmetros de altura, intensidade, duração, pausa, velocidade de fala, bem como o estudo dos sistemas de tom, entonação, acento e ritmo das línguas naturais” (p. 8).

Há, segundo Cagliari e Massini-Cagliari (2003), desde o início das investigações acerca dos elementos prosódicos, o uso, em alguns trabalhos, da designação “supra-segmento” se referindo ao mesmo fenômeno. No entanto, os autores reforçam que nem sempre é possível confundir o rótulo “supra-segmento” com “prosódia”. Nesse sentido, os pesquisadores esclarecem que os supra-segmentos dizem respeito às “propriedades fonéticas como labialização, palatalização, nasalização, ou seja, características sonoras que se estendem por mais de um segmento, mas numa extensão pequena, geralmente restrita a uma relação de contiguidade”, enquanto os elementos prosódicos são “elementos diferentes dos segmentos, sendo pelo menos da extensão de uma sílaba (exemplos: acento, tom, entoação, etc.)” (op. cit., p. 69).

Tendo em vista o exposto, Cagliari e Massini-Cagliari (2003) defendem ser a prosódia “todo fenômeno cuja unidade descritiva se circunscreve além do nível da sílaba” (p. 69). A seguir, conheceremos alguns elementos prosódicos baseando-nos especialmente no proposto por Bollela (2006), Cagliari (1992) e Cagliari e Massini-Cagliari (2003).

1.3.3.4.1 Elementos prosódicos

Os elementos prosódicos, nas palavras de Bollela (2006, p. 113), “podem ser utilizados para reforçar a intenção argumentativa do falante no discurso oral religioso”, dado observado em nosso objeto de análise. Ademais, notamos que tais elementos também contribuem para a produção do humor, como será demonstrado nas análises.

Bollela (2006) classifica os elementos prosódicos em três grupos, a saber: os elementos prosódicos da variação da altura melódica, constituído pela tessitura, entoação, tom, acento frasal; os elementos prosódicos de variação da duração, como o ritmo, a duração, o acento, a pausa, a concatenação e a velocidade de fala; e os elementos prosódicos da intensidade sonora, que são compostos pelo volume.

Cagliari (1992) agrupa os elementos prosódicos da seguinte maneira: a) Elementos da melodia da fala: tom, entoação, tessitura; b) Elementos da dinâmica da fala: duração, mora, pausa, tempo, acento, ritmo, ársis/ tesis; c) Elementos da qualidade da voz: volume, registro, qualidade da voz. Já Cagliari e Massini-Cagliari (2003) consideram como “fenômenos prosódicos a entoação, a tessitura, o ritmo, a concatenação e a qualidade de voz”.

Na sequência tratamos de alguns elementos prosódicos que consideramos mais relevantes, a partir das proposições de Bollela (2006), Cagliari (1992) e Cagliari e Massini-Cagliari (2003), para a análise da pregação escolhida.

- tessitura: variações de registro na escala melódica da fala (mais alta ou mais baixa). No discurso, a tessitura funciona como conector de falas já ditas com futuras falas. Além de, durante a argumentação em debates, por exemplo, ser usada como forma de demonstrar seriedade e autoridade (fazendo uso de uma fala mais baixa) ou para contestar e demonstrar exaltação (utilizando a fala alta);
- entoação: tem relação com a variação melódica (ascendente ou descendente). Está ligada a fatores sintáticos, porém é mais utilizada para caracterizar atitudes do falante, como acontece com a ironia;

- tom (nas línguas tonais): auxilia na caracterização dos itens lexicais. Não tem relação com a entoação propriamente dita, mas com o efeito entoacional;
- ritmo (sílabas, pé, grupo tonal etc.): tem por característica a repetição de alguns sons, dando nova dimensão e função;
- duração: pode ser de pronúncia ou prolação de elementos da fala e ocorrer de duas maneiras: para determinar o ritmo ou para destacar unidades sintáticas e semânticas;
- acento: diz respeito às ondulações rítmicas da fala e podem distinguir os significados lexicais, como ocorre com as palavras “pública” e “publica”;
- pausa: silêncio que ocorre nos enunciados durante a fala;
- concatenação: encadeamento que define a forma como as pausas ocorrem em um enunciado;
- velocidade: corresponde à forma que um enunciado pode ser pronunciado (de maneira rápida ou lenta);
- volume: diz respeito à variação da voz (intensidade alta ou baixa) e pode estar vinculado à estratégia argumentativa do falante. É possível usar o volume alto a fim de demonstrar autoridade ou utilizar o volume baixo como estratégia persuasiva, com o intuito de revelar timidez e respeito, por exemplo.

Neste capítulo discorreremos acerca dos pressupostos teóricos da retórica aristotélica e da Nova Retórica, os quais fundamentam nossa pesquisa. Além disso, vimos os elementos que auxiliam a análise das estratégias argumentativas e de produção de humor na pregação de Duarte. A seguir, damos sequência à fundamentação teórica discutindo sobre humor, retórica e persuasão.

CAPÍTULO 2 – HUMOR, RETÓRICA E PERSUASÃO

O humor não é um fenômeno simples de ser definido, isso porque, além de ter diferentes funções, ele é objeto de interesse de várias áreas (Sociologia, Linguística, História, Psicanálise entre outras). Ademais, é capaz de despertar emoções antagônicas: da mesma maneira que pode provocar alegria (pela descontração) é passível de desencadear a raiva (pela ofensa). Nesse sentido, compreender o humor em cada prática social, refletindo acerca de suas funções é sempre um grande desafio.

Conforme Possenti (2014), o humor pode ser considerado um campo. Para o autor, compreender o discurso humorístico como um campo é adequado, pois “o humor ganha espaços cada vez mais numerosos e relevantes no mundo atual” (op. cit., p. 175). Tal disseminação reflete na postura dos que optam por utilizar o humor, tornando-os mais “profissionais”. E este é, conforme Possenti (2014), “um traço extremamente relevante para configurar um campo, já que se trata de levar em conta, ao lado dos textos, as práticas que se configuram e às quais os sujeitos aderem, precisam aderir, ou às quais resistem, apesar de tudo” (p. 175).

Em o humor e constituindo um campo, conforme salientam Carmelino e Gatti (2017), significaria que muitas das decisões tomadas pelos sujeitos não seriam estritamente individuais, mas, sim, fruto de determinadas regras sociais específicas. Os dois autores completam:

o campo humor compreende tanto os gêneros estritamente humorísticos (caso da piada, do esquete) quanto os que se valem eventualmente do humor (como contos, postagens do Facebook). Tais gêneros podem circular em diferentes lugares (conversas informais do dia a dia, obras específicas, Internet, mídia impressa) e abordar temas diversos (sexo, instituição, política, questões existenciais, culturais, tipos humanos). Um dado relevante a ser levado em conta sobre o humor é que a sua produção depende sempre de uma técnica, seja ela de ordem linguística ou não. (CARMELINO; GATTI, 2017, s.p.)

Além disso, cabe destacar que, na produção do humor, é fundamental que o orador compreenda o contexto no qual está inserido, pois cada cultura, cada meio social influenciará na construção do sentido humorístico. Conforme assinala Propp (1992), “onde um ri, outro não ri” (p. 31).

Ademais, o humor exige uma espécie de cumplicidade entre os envolvidos na situação (orador, auditório). Bergson (2007) defende que o humor² (ou riso, ou comicidade, termos usados pelo autor) deve ter uma significação social, além de para atingir efeito pleno, é necessário uma anestesia momentânea do coração, visto que “se dirige à inteligência pura” (p. 4).

Para Bergson (2007), o riso é um “gesto social que ressalta e reprime certa distração especial dos homens e dos acontecimentos” (p. 65). As considerações do autor podem ser complementadas com as reflexões de Alberti (1995), que defende ser o humor um processo que começa no pensamento, uma vez que passa pelo cérebro para, enfim, tocar as emoções.

2.1 Humor e suas funções

É notável a grande disseminação e importância que o humor tem assumido em diversas campos sociais, com funções que vão além do simples fazer rir. Travaglia (1992), ao tecer reflexões acerca do humor na televisão brasileira, estabelece quatro objetivos do humor, são eles: o riso pelo riso, a liberação, a crítica social e a denúncia. O riso pelo riso é, para o autor, o mais difícil de ocorrer, pois todo humor é, de certa forma, liberador.

A liberação ocorre quando são rompidas proibições e/ ou censuras sociais, isso acontece, pois o humor viabiliza dizer coisas que fora do humor não seriam possíveis. Nesse sentido, é possível afirmar que todo humor é liberador, visto que

² Conforme Alberti (1999), em sua obra *O riso e o risível na história do pensamento*, a vasta nomenclatura aplicada ao universo do riso gera dificuldades aos pesquisadores que tomam como objeto de estudo qualquer material risível, tendo em vista que zombaria, humor, cômico, ironia, sátira, farsa, grotesco e ridículo, entre outros termos, designam categorias que se sobrepõem em diferentes teorias; provocando, muitas vezes, dúvidas quanto à denominação do objeto do riso. Nesse sentido não faremos distinção entre os termos aqui usados.

“toda forma de humor tem a liberação como objetivo principal ou subsidiário” (TRAVAGLIA, 1992, p. 50).

Já a crítica social representa um objetivo básico para o humor, a fim de pôr em evidência defeitos relacionados à política, a costumes, a instituições etc. A crítica social almeja a “modificação da sociedade”, para tanto “quase sempre mostra o absurdo e o ridículo de muitos comportamentos do homem, para que este veja a necessidade de romper com a estrutura social vigente” (TRAVAGLIA, 1992, p. 50).

Quando a crítica é dirigida a comportamentos que não são permitidos pelas normas sociais, mas que são praticados, transgredindo aos princípios morais em favor da hipocrisia e dissimulação, por vezes com a conivência de outros atores sociais, ela assume o caráter de denúncia. Nesse caso, “além de mostrar o negativo que marca o comportamento é preciso mostrar que ele existe” (TRAVAGLIA, 1992, p. 50).

Dentre os objetivos arrolados, Travaglia (1992) considera que a crítica social e a denúncia sejam as mais importantes, uma vez que todo humor é de certa forma liberador e é muito difícil ocorrer o riso pelo riso. Ainda segundo esse estudioso, o humor pode constituir também uma ferramenta “de manutenção do equilíbrio social e psicológico; uma forma de revelar verdades e de flagrar outras possibilidades de visão do mundo e das realidades naturais ou culturais que nos cercam e, assim, de desmontar falsos equilíbrios” (TRAVAGLIA, 1989, p. 670).

Freud (1905), em estudo de cunho psicanalítico sobre os chistes, explica que a motivação do chiste é conquistar o prazer, mesmo que seja de forma inconsciente. No entanto, segundo o psicanalista, para atingir o prazer e cumprir com o objetivo de provocar o riso é necessário que o chiste seja de fácil compreensão. Nesse sentido, caso seja utilizada, por exemplo, a técnica de condensação de palavras é preciso ter cautela para que as palavras utilizadas sejam de conhecimento comum e o sentido proposto a partir da união dos itens lexicais seja de fácil assimilação.

Ainda no que concerne a esse respeito, e com base nos estudos retóricos e argumentativos, Carmelino (2012) destaca outra função importante desempenhada

pelo humor nas relações interpessoais, “a persuasiva”. A autora defende que “o humor pode ser um artifício valioso para despertar o interesse, sensibilizar, incitar uma posição ou opinião, capturar a benevolência, provocar ação” (p. 48).

Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 213) explicam que o humor (os autores se valem do termo “cômico”) é um elemento de extrema importância “para conquistar o auditório ou, mais comumente, para firmar uma comunidade entre orador e auditório”. De acordo com os autores, os elementos humorísticos “podem ajudar-nos a descobrir certos expedientes argumentativos”.

Nessa mesma perspectiva, Carmelino (2012) também defende que o humor funciona como “uma estratégia argumentativa eficiente no processo de persuasão” (p. 40). Nesse sentido, conforme ressalta a autora, é “um importante recurso argumentativo”, visto que é capaz de influenciar o auditório quanto a um determinado posicionamento (CARMELINO, 2009, p. 112).

Ao propor que “o humor pode ser um artifício valioso para despertar o interesse, sensibilizar, incitar uma posição ou opinião, capturar a benevolência, provocar a ação”, Carmelino (2012, p. 48) vai ao encontro do que observaram Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), posicionamentos com os quais concordamos nesta dissertação.

2.2 Humor e contexto

O humor é capaz de deixar assuntos difíceis de serem tratados mais sutis e descontraídos e, por essa razão, tem se disseminado em discursos em que seria pouco provável a sua utilização. Pode-se dizer que essa disseminação do humor ocorra por tornar o discurso agradável, despertar o interesse sem perder a credibilidade.

Isso tem ocorrido, por exemplo, em diversos telejornais que têm deixado a linguagem mais leve e descontraída, permitindo, em diversos momentos, que seus

apresentadores usem do bom humor. Gazzoli (2015) analisou o jornal televisivo “Balanço Geral/ ES” da TV Vitória afiliada da Record que aborda, em sua maioria, assuntos da categoria policial, de forma bastante irreverente. A autora observou que o humor presente nas reportagens do programa é a principal estratégia argumentativa do apresentador.

O caso mencionado corresponde a um exemplo de gênero eventualmente humorístico (a reportagem televisiva), há, no entanto, gêneros que são necessariamente humorísticos, como é o caso da piada. Um fator que vai determinar e autorizar o uso do humor é o contexto. É a partir dele que o orador pode perceber e considerar se é ou não adequado fazer uso da linguagem humorística.

O contexto é, portanto, fundamental e determinante para o estabelecimento do acordo pretendido entre orador e auditório. Nesse sentido, todo ato retórico tem um propósito, e é fundamental que o orador use todos os recursos (textuais, discursivos, quimésicos e proxêmicos) a fim de garantir a adesão do auditório. Conforme registra Ferreira (2015, p. 182, grifos do autor), “um requisito fundamental, em inúmeras situações da ação retórica, é a *graça*, condição essencial para mover positivamente o ouvinte por meio do riso”.

Em estudo a piadas, Possenti (1998, p.26) afirma que “as piadas são interessantes porque são quase sempre veículo de um discurso proibido, subterrâneo, não oficial, que não se manifestaria, talvez, através de outras formas de coletas de dados, como entrevistas”. O proposto pelo autor acerca de piadas pode ser perfeitamente aplicável a outros textos humorísticos, pois, por meio do humor, discursos “pouco oficiais” ou “socialmente controversos”, termos usados pelo teórico, tornam-se passíveis de serem abordados, como se o discurso fosse autorizado pela suposta liberdade existente no recurso humorístico.

Ademais, o humor é o resultado de uma ação que possibilita a mudança do estado emocional do auditório, uma vez que é capaz de aumentar a disposição de ouvir e agregar ideias levando à reflexão. É necessário, entretanto, conhecer o auditório

para o qual destina o discurso para tornar o humor produtivo e não um impedimento para o acordo.

Cattani (2006) ressalta que utilizar humor é um passo importante para obter sucesso no empreendimento retórico. Conforme ressalta o autor, é comum em debates considerados sérios os oradores optarem por uma atitude mais rígida, austera, quando, na realidade, o humor é absolutamente necessário para a fluidez do discurso.

Para Cattani (2006), o humor é capaz de tranquilizar o ambiente; reduzir possíveis tensões; chamar atenção; entreter e divertir; demonstrar aparente ingenuidade – o que auxilia na promoção pessoal, como sujeito destacado, autossuficiente, brilhante; e produzir simpatia no auditório, o que contribui para uma relação de cumplicidade.

Há, entretanto, a possibilidade de ocorrer um erro retórico caso não sejam consideradas as crenças e costumes éticos/ morais do auditório para o qual o orador direciona o discurso. É fundamental para sucesso do empreendimento retórico, consciência do que é passível de ser compreendido como humorístico em cada situação de interação. Desse modo, “ao explorar o risível, muito provavelmente, o pior erro retórico resida na não compreensão da natureza do auditório” (FERREIRA, 2015, p. 192).

De acordo com Cattani (2006), alcançar a persuasão por meio do humor exige precaução, pois, mesmo facilitando a adesão, é necessário ter cautela a fim de utilizar argumentos relevantes e expressivos e, principalmente, para não parecer inoportuno e superficial, daí a grande relevância de adequação ao contexto.

2.3 Humor e *logos*

Na dimensão linguística simbolizada pelo *logos*, podemos afirmar que o humor ocupa um papel de extrema relevância para atingir a persuasão, o uso de figuras

retóricas, a escolha do léxico e os argumentos dispostos, são meios linguísticos que podem fomentar a produção de humor e a adesão do auditório ao discurso proferido.

Na pregação de Duarte é possível notar, como veremos mais detalhadamente em outro momento do texto, o emprego do *logos* a fim de contribuir para a argumentação e construção do sentido humorístico da pregação de diferentes formas. É o que ocorre com a escolha do léxico. O orador usa determinadas palavras que contribuem, mesmo que indiretamente, para a produção de humor.

É recorrente também o emprego de figuras retóricas que auxiliam na produção do humor, especialmente a figura da alusão. O orador mostra, em diversos momentos da pregação, que reconhece as dificuldades enfrentadas pelos membros do auditório, demonstrando cumplicidade.

Além disso, é possível perceber, a partir do *logos*, os argumentos empregados pelo orador a fim de gerar humor e alcançar a persuasão. O orador utiliza o argumento quase-lógico da contradição e da incompatibilidade, argumento de reciprocidade, argumento de comparação e o argumento pragmático, que é um argumento baseado na estrutura do real.

É a partir do *logos* que é construída a imagem do orador e que são movidas emoções no auditório, sendo, dessa forma, essencial para a formação do discurso humorístico e persuasivo. Nesse sentido, conforme ressalta Ferreira (2015), no “*logos*, o orador, por meio da *inventio*, encontra os recursos necessários para determinar o risível” (p. 182) e conquistar a adesão ao discurso.

2.4 Humor e *ethos*

O *ethos*, como já dito, tem relação com a imagem que é construída do orador a partir de seu discurso, sendo capaz de atribuir credibilidade ao discurso a fim de conquistar a adesão do auditório.

É preciso ressaltar que o *ethos* discursivo não se trata necessariamente dos atributos reais do orador, embora tenha relação com ele, o vínculo estabelecido é com a imagem construída a partir do discurso, afinal, conforme ressalta Amossy (2008, p. 9), “todo ato de tomar a palavra implica a construção de uma imagem de si”.

Em se tratando de discurso humorístico, para instaurar seu *ethos* não é preciso que o orador seja naturalmente engraçado, mas é fundamental que ele, conhecendo seu auditório, demonstre “um temperamento espirituoso, um estilo gracioso e sensível, capaz de perceber e expressar o que pode servir para conquistar adesão do auditório” (FERREIRA, 2015, p. 190).

Nesse sentido, o humor é capaz de contribuir para uma boa impressão do auditório em relação ao orador, caso ele saiba empregar o discurso conforme as características da assembleia, para que o humor possa somar na construção de uma imagem de sujeito divertido, informado, consciente, crítico, influente, preocupado, inteligente.

Isso é possível, pois o humor viabiliza tratar de questões complexas de maneira sutil e o orador atento ao valer-se do recurso humorístico pode utilizar dele a fim de tornar seu discurso crível, conquistando a adesão do auditório.

2.5 Humor e *pathos*

Ao explicar sobre o surgimento do riso, Alberti (1995) mostra a relação entre o cérebro e o coração. Segundo a autora, como “toda paixão, a afecção do riso só se consolida no coração” (p. 4). Assim, o objeto do risível chega ao cérebro, por meio da visão e da audição, para, posteriormente, chegar ao coração.

A partir das reflexões feitas pela autora, podemos notar que o humor é um processo que envolve o pensamento, uma vez que passa pelo cérebro, e são necessários

sentidos como a visão e a audição, para, enfim, tocar as emoções dos indivíduos. Mas quais as emoções que o humor é capaz de mover?

Sabemos que, com o intuito de atingir a persuasão, o orador mobiliza, a partir do discurso, os afetos, as emoções do auditório. Assim, “movimentar o auditório por meio do riso pode, portanto, ser muito perigoso ou muito confortável” (FERREIRA, 2015, p. 193). Como já dissemos, o humor é capaz de fomentar emoções antagônicas e transformá-las e, por esse motivo, pode ser compreendido como um tipo de argumento retórico.

Por ser um campo de verdades contingentes, a retórica questiona verdades entendidas como absolutas, incitando, dessa forma, o auditório a assumir um posicionamento a fim de atingir o objetivo de persuadir. Assim como pode despertar paixões que façam o auditório aderir ao discurso proferido como a alegria, o amor, a confiança, pode mover emoções que distanciem o auditório e o façam reprovar o discurso do orador, gerando ódio, desprezo, indignação.

Por esse motivo, cabe ao orador conhecer bem o auditório a fim de utilizar o humor de maneira adequada respeitando o campo em que está inserido. Dessa maneira será capaz de desencadear emoções por meio do humor que possibilitem conquistar o auditório.

Como foi possível notar, neste capítulo tratamos de questões sobre o humor, suas funções e sua relação com o contexto. Além disso, tecemos informações acerca da conexão entre as provas retóricas (*ethos*, *pathos* e *logos*) e o humor, para reforçar, com base em estudiosos do assunto, como o humor pode funcionar como estratégia argumentativa eficiente no processo de persuasão.

CAPÍTULO 3 – DISCURSO RELIGIOSO, PREGAÇÃO E HUMOR

Embora o humor tenha se disseminado em diversos campos e práticas da atividade humana, ele não tende a ser muito comum no contexto religioso. A explicação para o caso não nos parece difícil de ser entendida e aceita (ao menos para senso comum), afinal, para muitos, humor não é coisa séria (é brincadeira, no sentido de que não deve ser confiável). E religião o é.

Neste capítulo, tecemos considerações sobre o discurso religioso, o gênero discursivo pregação e suas relações com o humor a fim de mostrar que o humor também pode ser visto como coisa séria e ser utilizado no discurso religioso sem desprestigiar ou desqualificar, sendo, portanto, um poderoso artifício para manter a atenção e levar o auditório à adesão.

3.1. Questões sobre o discurso religioso

Um dos campos discursivos em que se reconhece a presença explícita de persuasão é o campo religioso (CITELLI, 2004). Isso se deve ao fato de o representante religioso (padre, pastor etc.) usar como respaldo o texto bíblico, que é considerado sagrado pelos fieis (a palavra de Deus), tornando o discurso do agente religioso irrefutável.

Nesse sentido, conforme ressalta Citelli (2004, p. 61), “Deus não fala, dado ser uma realidade imaterial; quem fala em seu nome não é dono do discurso: o agente é apenas veículo, porta-voz, no máximo ‘interpretador’ da palavra do Senhor”.

Conforme Durkheim (2003), o sobrenatural é característico de tudo que é religioso, todas as coisas que ultrapassam nosso entendimento, “o sobrenatural é o mundo do mistério, do incognoscível, do incompreensível. A religião seria, portanto, uma especulação sobre tudo o que escapa a ciência e, de maneira mais geral, ao pensamento claro” (p. 5).

Tendo em vista esse caráter sobrenatural da religião, há necessidade de uma fundamentação que assegure a seriedade do discurso e confira a ele credibilidade. A Bíblia é para os cristãos um livro Sagrado, e por essa razão, é o discurso no qual a religião (mais especificamente cristãs) baseia seus discursos.

É importante, nesse contexto, distinguir, conforme faz Nascimento (2012) o discurso bíblico do discurso religioso. Para o autor, o discurso bíblico “se define pela fé, sua propriedade fundamental” (p. 53); já o discurso religioso “caracteriza-se como aquele que tem como propriedade fundamental a ritualização e resulta da intermediação natural e subjetiva que o homem faz com o sobrenatural, por meio de uma instituição social estabelecida” (p. 54). Dessa forma, o discurso religioso assume o discurso bíblico para fundamentar sua argumentação garantindo autoridade (NASCIMENTO, 2012).

O discurso religioso é o que fundamenta diferentes Igrejas. Em se tratando especificamente de religiões cristãs, esse discurso, como vimos, é baseado na Bíblia, mais especificamente nos livros que compõem o Novo Testamento (Registros feitos após a vinda de Jesus Cristo). Dentre as Igrejas cristãs, a divisão mais geral e mais difundida está entre a Católica e as Protestantes. A Igreja que Cláudio Duarte, autor da pregação da qual extraímos nosso objeto de análise, pertence é a Igreja (Protestante) Batista Monte Horebe e é sobre ela que teceremos algumas considerações a seguir.

3.1.1 A Igreja Batista Monte Horebe

As igrejas protestantes surgiram com o inconformismo do então padre Martinho Lutero em aceitar algumas práticas da Igreja Católica, como, por exemplo, a venda de indulgências³. A “libertação” alcançada por Lutero resultou no surgimento de

³ Obtenção do perdão de pecados em troca de dinheiro.

várias correntes religiosas (Luteranos, Presbiterianos, Anglicanos, Batistas, Metodistas, Pentecostais, Neopenteconstais)⁴.

A doutrina Batista nasce em 1608, quando um grupo de refugiados ingleses foi para Holanda em busca de liberdade religiosa. Liderados por John Smith, que era pregador, e pelo advogado Thomas Helwys, organizaram, em 1609, uma igreja de doutrina Batista.

No Brasil, a primeira Igreja Batista foi organizada em 1882 por dois casais de missionários Batistas norte-americanos: Willian Buck Bagby e Anne Luther Bagby; e Zacharias Clay Taylor e Kate Stevens Crawford Taylor, com o auxílio do ex-padre Antônio Texeira de Albuquerque.

Na atualidade, os Batistas estão presentes em diversos países (cerca de 200) e constituem uma população perto de quarenta milhões de membros, atingindo cerca de cem milhões de pessoas no mundo inteiro⁵. A Igreja Batista tem diversas nomeações (Ágape, Betel, Brasileira etc.), entre elas está a Monte Horebe, da qual Cláudio Duarte é pastor na unidade situada em Campo Grande – Rio de Janeiro.

3.2 A pregação religiosa: considerações acerca do gênero

Os gêneros discursivos são constituídos a partir de determinados campos, a partir dos quais refletem suas condições e finalidades. Na perspectiva bakhtiniana, cada enunciado tem uma natureza histórica e sociointeracional, formando “tipos relativamente estáveis” (BAKHTIN, 2003, p. 262) aos quais chamamos de gêneros do discurso.

Todo falante é capaz de usar sua competência sociocomunicativa a fim de adequar seu discurso à situação de interação que está vivenciando, adaptando e discernindo

⁴ RELIGIÃO. Como surgiram as igrejas protestantes? Mundo estranho. Disponível em: <<http://mundoestranho.abril.com.br/materia/como-surgiram-as-igrejas-protestantes>>. Acesso em: 06 set. 2016.

⁵ BATISTAS. Nossa história no Brasil e no mundo. Convenção Batista Brasileira. Disponível em: <<HTTP://www.batistas.com/institucional/nossa-historia>>. Acesso em: 06 set. 2016.

o gênero de acordo com sua função. Desse modo, os gêneros do discurso surgem a partir das necessidades socioculturais estabelecidas em situações de interação “o que constitui um gênero é a sua ligação com uma situação social de interação, e não suas propriedades formais” (RODRIGUES, 2005, p. 164).

Como destaca Fiorin (2006, p. 69), o “gênero une estabilidade e instabilidade, permanência e mudança. De um lado, reconhecem-se propriedades comuns em conjuntos de texto; de outro, essas propriedades alteram-se continuamente”. Isso porque os gêneros mantêm aspectos comuns o que torna possível identificar uma notícia, por exemplo, e diferenciá-la de uma fábula, mas, também, mudam constantemente adequando-se à época em que estão inseridos, às condições de produção e ao auditório destinado.

A pregação religiosa⁶, gênero em análise nesta dissertação, insere-se no campo da religião. O discurso religioso, como já dito, tem uma forte carga persuasiva (CITELLI, 2004), dado que se explica pelo fato de ter como fonte de argumentação a Bíblia (FIGUEIREDO; RODRIGUES, 2008).

De acordo com Figueiredo et al. (2009) – que caracterizam esse gênero partindo não apenas dos pressupostos bakhtinianos, mas também de alguns questionamentos levantados por Maingueneau (2001), Lopes-Rossi (2006) e Reboul (2000) –, a pregação religiosa consiste em um “gênero estritamente oral, produzido por líder religioso e que tem como destinatários fiéis pertencentes a um grupo comum, além disso, apresenta duração mínima estabelecida”, aproximadamente 40 minutos (FIGUEIREDO et al., 2009, p. 151).

⁶ Optamos por nomear o gênero do qual extraímos nosso objeto de análise de “pregação” por ser o termo utilizado pelos autores que adotamos para caracterização do gênero discursivo (FIGUEIREDO et al.). No entanto, há autores que utilizam a nomenclatura “sermão”, referindo-se ao mesmo gênero. Para nos certificar de que não há diferenças consideráveis em relação aos dois termos, pesquisamos e não encontramos material teórico que abordasse a possível diferença entre tais palavras. Resolvemos então consultar alguns dicionários online para ver a definição dada aos termos. Na busca, observamos que os vocábulos são, de fato, usados como equivalentes. A exemplo, citemos: 1) “ser.mão sm: 1. Discurso de cunho religioso, em que o pregador, do púlpito, proclama as verdades cristãs; **pregação**” (grifos nossos). (Disponível em: <https://www.dicio.com.br/pegacao/>. Acesso em: 01 nov. 2016); 2) “Significado de Pregação: 1. Ação de pregar; **sermão**; assunto da prédica. /2 Admoestação, repreensão. /3 Discurso fastidioso.” (grifos nossos). (Disponível em: <https://dicionariodoaurelio.com/>. Acesso em: 01 nov. 2016).

O intuito discursivo da pregação, segundo esses autores, é de “conservar seus fiéis, moldar o seu caráter e converter novos adeptos” (p. 151). Ademais, apesar de estar intrinsecamente vinculada às religiões cristãs, a pregação pode ser utilizada em outras denominações religiosas e ocorre, geralmente, em um templo em que os fiéis costumam realizar cultos a (s) sua (s) divindade (s).

Por ser um gênero pertencente ao campo religioso, a pregação é considerada um gênero sério (com um tom sisudo, de respeito), uma vez que trata do Sagrado, do Divino, que toca e mexe com as crenças das pessoas. Sabe-se, entretanto, que nem todas as pregações mostram esse tom, como é o caso do objeto de análise deste trabalho. Por esse motivo, interessa-nos entender a relação entre discurso religioso e humor.

3.3. Discurso religioso e humor

O humor não é característico do campo da religião. O ambiente religioso tradicional é sério, formal e arbitrário. Para o cristianismo, o templo religioso é considerado um lugar sagrado, casa de Deus, e não é, portanto, lugar de entretenimento.

Orlandi (2007) observa que “no discurso religioso, em seu silêncio, ‘o homem faz falar a voz de Deus’” (p. 28). Segundo a autora, o homem necessita da quietude para expressar sua espiritualidade. Entende-se que quietude é oposto de manifestação explícita de euforia.

O bem-estar espiritual gerado pelo discurso religioso é capaz de mobilizar paixões eufóricas como a calma, o amor, a compaixão, a alegria e a confiança. Mas é também capaz de mover emoções disfóricas, caso do temor. Cabe ressaltar que o temor decorre do não cumprimento às prescrições provenientes da religião. A confiança, paixão oposta ao temor, é movida no auditório a partir da percepção de que seguindo os princípios dogmáticos da Igreja que frequenta o fiel terá a Salvação.

Apesar de o humor não ser muito comum em um ambiente do campo da religião, ele propicia que assuntos mais delicados sejam abordados de forma mais suave, deixando a mensagem mais sutil sem desmerecer o assunto abordado. Nesse sentido, é comum observar a presença do humor em piadas, crônicas, programas televisivos etc. a fim de criticar, denunciar, ou simplesmente, divertir e tem chegado a campos em que antes eram improváveis, como na religião.

Conforme destaca Travaglia (1990, p. 55), o humor está presente em diversos campos da atividade humana “com funções que ultrapassam o simples fazer rir”. Isso porque o humor chama a atenção do auditório sem descredibilizar a mensagem divulgada, contribuindo para adesão do auditório ao que é propagado.

A presença do humor no contexto religioso divide opiniões, pois toca e mexe com ideologias e crenças das pessoas. Há, na atualidade, muitas discussões acerca dos limites do humor, dependendo do campo de atuação ou do assunto abordado. Em casos de emprego de humor em gêneros que não são essencialmente humorísticos ele pode ser compreendido de forma negativa.

Apesar de causar certo estranhamento e dificuldade de aceitação quando utilizado em determinados campos, o humor é, geralmente, bem aceito quando é considerado politicamente correto, ou seja, quando não é ofensivo, não desqualifica ou mesmo discrimina uma determinada pessoa ou grupos sociais (homossexuais, feministas, judeus etc.).

3.3.1 A quebra de tabus

Tabus são ações (linguísticas ou não) que proíbem ou são vistas de forma negativa por um grupo devido a fatores de ordem cultural, social, religiosa, ética/ moral, etc. Nesse sentido, tabu

vem a ser abstenção ou proibição de pegar, matar, comer, ver, dizer qualquer coisa sagrada ou temida. Cometendo-se tais atos, ficam sujeitos a desgraças a coletividade, a família ou o indivíduo. Assim, existem objetos-

tabu, que não devem ser tocados; lugares-tabu, que não devem ser pisados ou apenas de que se não se deve avisar; ações-tabu, que não devem ser praticadas; e palavras-tabu, que não devem ser proferidas. Além disso, há pessoas-tabu e situações ou estados-tabu (GUÉRIOS, 1956, p. 7).

O tabu pode estar relacionado à época em que se vive. Um bom exemplo disso é algo ser normal para a geração atual, mas ser tabu para gerações anteriores, como ocorre com avós e netos.

Quando há impedimentos relacionados ao uso de certas palavras, são chamados tabus linguísticos. Para Guérios (1956, p. 13), o “tabu linguístico nada mais é do que modalidade do tabu geral, ou é um prolongamento dos demais tabus. Se uma pessoa, coisa ou ato é interdito, o nome ou a palavra que se lhes refere, é-o igualmente”.

Romper tabus pode gerar consequências diversas: ser penalizado conforme a lei (claro, quando o tabu é estabelecido por alguma legislação), ser alvo de discriminação, ser julgado pelos demais membros da sociedade.

A expressão “quebrar tabus” refere-se justamente a quando uma regra social ou ação prescrita pela legislação é violada. Para Amaral (2015), alguns assuntos, como sexo e política, implicam juízos de valores e resultam na formação de valores como certo e errado, belo e feio, bem e mal, justo e injusto.

Dessa forma, embora as restrições relacionadas a tabus estejam atreladas ao imaginário, ao sobrenatural, ao extraordinário, tais limitações podem ter implicações no mundo físico, segundo registra Amaral (2015), visto que não cumprir as regras estabelecidas deixa o sujeito propenso a tornar-se anômalo ao grupo social no qual está inserido.

No que diz respeito às restrições tabuísticas no campo da religião, Amaral (2015) explica que as hierarquias levam o líder religioso a deter o poder de mediador entre o humano e o divino. E, quando um membro de determinada comunidade religiosa comete alguma transgressão, o líder religioso é responsável por restabelecer a ligação entre o divino e o humano, mesmo que para isso precise solicitar sacrifício, o

poder conferido ao líder religioso o autoriza a perdoar ou a condenar. O pecado, no campo da religião, resulta da quebra de tabu.

Como já mencionado, o humor não tende a ser característico do campo da religião. No entanto, tem sido utilizado em alguns casos por possibilitar tratar de questões tabus, difíceis de serem abordadas. Além disso, o recurso humorístico não necessariamente impede a seriedade do assunto, na verdade, ele pode levar à reflexão, como ocorre com a pregação do pastor Cláudio Duarte.

CAPÍTULO 4 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, apresentamos procedimentos metodológicos adotados para a realização desta pesquisa. No primeiro subitem, tratamos da constituição do objeto de estudo, buscando contextualizá-lo. Na sequência, esclarecemos a forma como foi transcrita a pregação. E, por fim, expomos o percurso a ser seguido na análise dos dados.

4.1 Objeto de análise e sua constituição

Ainda que o humor não seja característico do campo religioso, alguns líderes religiosos têm se valido desse fenômeno em suas pregações. O sacerdote católico Tarcísio Gonçalves Pereira, conhecido como Padre Léo, falecido em 04 de janeiro de 2006, usava de bom humor em suas pregações⁷.

Na atualidade, o pastor Cláudio Duarte tem adquirido grande visibilidade por utilizar de muito humor em suas pregações. Desse modo, o presente trabalho toma como objeto de análise parte de uma dessas pregações a fim de investigar a função e o funcionamento do humor nesse campo. Trata-se da pregação nomeada de “Reconstruindo as verdades de Deus”.

Nessa pregação, como o próprio título indica, o líder religioso versa sobre diversas verdades de Deus que o homem tem interpretado de forma equivocada para viver de maneira mais prazerosa e fácil, desconsiderando os preceitos bíblicos que deveriam subsidiar a conduta das pessoas cristãs.

⁷ Moura (2009), na dissertação “‘BUSCAI AS COISAS DO ALTO’: aspectos argumentativos e prosódicos do discurso religioso de padre Léo”, explica que o humor era recorrente nos discursos do padre. Nas palavras da pesquisadora, o sacerdote “contextualizava seus discursos com metáforas, paralelismos sobre o ambiente de vida das pessoas que o ouviam, fazia uso de gatilhos de humor contando anedotas, buscando efeitos de sentido, objetivando compreensão daqueles que o ouviam por meio de contações de causos particulares, com os quais os ouvintes poderiam, em algum momento, se identificar” (p. 43). No entanto, Moura (2009) esclarece que, na pregação analisada, o padre busca um tom mais reflexivo, por se tratar de um relato do tratamento contra o câncer que o sacerdote sofreu, momento de profundo sofrimento para o líder religioso.

4.1.1 A pregação “Reconstruindo as verdades de Deus”

O objeto de estudo deste trabalho consiste em um recorte da pregação “Reconstruindo as verdades de Deus”, a qual foi gravada durante um culto, produzida pela MGR produções, comercializada em DVD, sem data de publicação definida, e tem, ao todo, 52 minutos (52’) de duração.

O recorte selecionado para análise, cuja duração é de 16 minutos e cinquenta e dois segundos (16’ 52”), diz respeito ao tratamento das relações familiares, tais como: os problemas que podem perpassar a relação entre homem e mulher na vida conjugal (como o adultério e o divórcio), criação dos filhos, convivência entre nora e sogra.

Na pregação completa, Cláudio Duarte propõe-se tratar de questões relacionadas à família, entretanto, durante a prédica, são mencionados alguns assuntos que perpassam o tema central, como, por exemplo, a homossexualidade e a (des)obediência aos preceitos religiosos/ cristãos. Em virtude disso, buscamos nos ater especialmente ao trecho que se centra na temática principal (família).

Duarte defende, na pregação, que as verdades de Deus não precisariam ser reconstruídas. Como, no entanto, as pessoas têm modificado os propósitos divinos a fim de viver da forma que consideram mais prazerosa, tal prática precisa ser revista, ou seja, faz-se necessário não apenas resgatar os preceitos bíblico-religiosos, mas também colocá-los em prática.

Para o pastor, condutas que vão de encontro à prática cristã podem desconstruir o modelo de família idealizado pela denominação religiosa que representa (Igreja Batista Monte Horebe), qual seja: casal heterossexual, com filhos e que sigam os princípios morais e religiosos cristãos.

Para consolidar seu discurso, o pastor parte do texto bíblico e cita situações vividas por ele mesmo, por fieis e/ou pessoas de seu círculo social. Tais ilustrações não

apenas dão credibilidade ao discurso, mas também contribuem para a produção do humor.

4.1.2 Cláudio Duarte: “o pastor cheio de graça”

No que concerne ao orador, Cláudio Duarte, casado e pai de dois filhos, é membro da igreja Batista Monte Horebe, sediada no Rio de Janeiro, à qual se converteu em 1992⁸. O pastor ficou conhecido nacionalmente não só após trechos de suas pregações serem publicados na Internet, mas principalmente pela forma irreverente como versa sobre questões familiares, especialmente a relação entre marido e esposa.

Ademais, o líder religioso toca, muitas vezes, em assuntos que são, geralmente, considerados tabus na sociedade, especialmente no campo religioso (como sexo na vida conjugal, por exemplo). Em se tratando de tabus, Amaral (2016) explica que estes são interdições religiosas que estão ligadas à moral ou que têm natureza desconhecida, não havendo, assim, uma lógica para determinadas proibições. Nesse sentido, os tabus estão relacionados com riscos imaginários, sobrenaturais, mas podem causar implicações no mundo físico, visto que descumprir os ditames das restrições tabuísticas pode tornar o sujeito anômalo em relação ao imposto pela comunidade.

Os trechos de pregações de Duarte, inicialmente, eram dispostos na Internet por fieis e admiradores. Após se tornar conhecido, o pastor criou um canal no YouTube intitulado “Um pastor cheio de graça”, nome que ainda mantém na página da rede social Facebook⁹. No entanto, a denominação dada ao canal foi modificada para “A graça que mudou a minha vida”.

Tanto no canal quanto na página do Facebook, são feitas postagens de piadas bíblicas e são dados diversos conselhos para casais, todos muito bem-humorados.

⁸ SOBRE O PASTOR. A pessoa Cláudio Duarte. Disponível em: <www.claudioduarte.com.br>. Acesso em: 30 mar. 2016.

⁹ A página foi visitada em 30 mar. 2016.

Daí se pode dizer que o termo “graça”, que consta nos dois nomes atribuídos ao canal do pastor no YouTube e no Facebook, pode remeter tanto à “benção divina” quanto ao gracejo (ser divertido, engraçado). Em 18 de janeiro de 2017 o canal do pastor no YouTube contava com 569. 899 inscritos e a rede social Facebook 387. 746 curtidas.

Em entrevista ao extinto programa “Agora é tarde”¹⁰, apresentado por Danilo Gentili, Duarte conta que o humor nem sempre fez parte de sua vida e de suas pregações, mas que começou a utilizar do fenômeno quando desenvolveu, na igreja em que congrega, um trabalho com os jovens. Segundo o pastor, o humor seria uma estratégia para atrair a atenção da juventude. Posteriormente, já trabalhando com casais e famílias, continuou a se valer de tal estratégia por perceber que por meio dela seria capaz de deixar assuntos difíceis de tratar mais suavizados.

O pastor ainda explica que alguns membros da congregação da qual faz parte não concordam com humor no campo religioso, entretanto Duarte acredita que a seriedade e o humor não são elementos opostos. Segundo ele, é possível ser sério sendo bem-humorado. O pastor ainda defende (e reforça) que suas pregações têm princípio bíblico e o humor seria para agregar, atrair atenção do auditório.

4.2. Percurso metodológico

4.2.1 A transcrição do objeto de análise

Para transcrever o fragmento que constitui nosso objeto de análise, fizemos uma adaptação no sistema de notação empregado pelo grupo de pesquisadores do Projeto NURC/SP (CASTILHO; PRETI, 1986), especialmente a partir da inserção de marcas de elementos prosódicos.

¹⁰ SOBRE O PASTOR. A pessoa Cláudio Duarte. Disponível em: <www.claudioduarte.com.br>. Acesso em: 30 mar. 2016.

Como forma de identificar os participantes, utilizamos **P** para indicar o orador (pastor Cláudio Duarte) e **A** quando a fala diz respeito à interação do auditório (falas coletivas). A tabela com as ocorrências e marcações gráficas e a transcrição do trecho da pregação analisada constam do item Anexo deste trabalho, respectivamente Anexos A e B.

4.2.2 Passos da análise

Propusemos analisar um recorte da pregação “Reconstruindo as verdades de Deus”, proferida pelo pastor Cláudio Duarte a fim de observar como os expedientes retóricos presentes na pregação auxiliam na produção de humor e de que maneira o humor é capaz de contribuir para a argumentação alcançando a adesão do auditório.

Para tanto, nas análises buscamos mostrar, passo a passo, de que maneira os elementos relacionados ao *logos* (o próprio discurso) contribuem para a comicidade em nosso objeto de análise, tais como: a seleção lexical, as figuras retóricas e os argumentos. Buscamos apresentar, também, como os elementos prosódicos contribuem com a argumentação e produção de humor no discurso de Duarte. Além disso, empreendemos nossos esforços a analisar acerca da imagem construída pelo orador por meio do discurso (*ethos*) e quais paixões o orador mobilizou no auditório (*pathos*).

Por fim, refletimos sobre como as três provas que estão intrinsecamente ligadas no discurso (o *logos*, o *ethos* e o *pathos*) se articulam com o objeto de análise a fim de produzir humor e obter sucesso no empreendimento retórico em questão.

CAPÍTULO 5 – RETÓRICA E HUMOR NO DISCURSO RELIGIOSO

Neste capítulo, pretendemos mostrar a maneira como os expedientes retóricos contribuem para produção de humor e na argumentação do objeto de análise selecionado. Para tanto, analisamos elementos relacionados ao *logos*, como a seleção lexical, as figuras retóricas e os argumentos; a construção de imagem do orador (*ethos*); e as emoções mobilizadas no auditório (*pathos*).

5.1 A autoridade de dizer

Temos crenças, valores, opiniões, sentimentos, convicções e anseios. A todo o momento tentamos guiar o outro por meio do nosso discurso ou somos guiados pelo discurso alheio. Para tanto, valemo-nos de argumentos racionais ou emotivos. Somos oradores e auditório. Agimos retoricamente e, assim, estabelecemos acordos. Conforme afirma Ferreira (2010), “somos seres retóricos” (p. 12).

No papel de orador ou de auditório, observamos se o discurso é justo, interessante, útil, agradável, adequado, considerando cultura e crenças do grupo que está envolvido no ato de proferição do discurso. É fundamental, enquanto orador, ter autoridade de dizer o que diz a fim de tornar o discurso digno de fé.

Neste trabalho, propomo-nos a analisar um recorte da pregação “Reconstruindo as verdades de Deus”, proferida por Cláudio Duarte. A pregação é incomum, pois o orador se vale de um humor que gera mais que descontração ou bem estar, visto que é capaz de provocar o riso escancarado em um campo considerado sério, sobre o qual algumas pessoas mantêm certa cautela, a religião. Assim, importa refletir acerca da autoridade de dizer do orador: Quem é ele para dizer o que diz?

Cláudio Duarte é pastor, casado e pai de dois filhos. Revela-se, por tais fatores, apto a falar acerca de relações familiares, uma vez que é pai de família e sabe, portanto, do que está falando, visto que vivencia um núcleo familiar tradicional, conforme os dogmas da Igreja que representa.

Por ser um líder religioso é considerado um representante de Deus, o guia do grupo religioso que é integrante. Além disso, para embasar seu discurso, diminuindo as possibilidades de refutação e desagrado, Cláudio Duarte, antes de introduzir algum tema se respalda com uma passagem bíblica, como ocorre no trecho a seguir:

- (1) quero mostrar outra pra você também...abre a sua bíblia uma das::...coisas piores hoje...coisa horrorosa quando o assunto é família o/ Rute... capítulo três...isso Rutinha...é manera é...já preguei aqui sobre ela num já...Rutinha tinha uma sogra gente...vô falá...uma sogra muito manera (0,4) sogra dela/ a sogra dela era fantástica...isso é uma quebra de paradigma...

Antes de usar a estratégia humorística, o orador revela ter conhecimento bíblico e mostra que o que prega fundamenta-se na palavra do próprio Deus (“Rute... capítulo três...isso Rutinha...[...] **capítulo tr/ três versus um aMÉM?**... “disse-lhe...**Noemi sua::?**”). Partindo do Livro Sagrado, o orador utiliza de muito (bom) humor a fim de comentar e refletir acerca do tema, conforme veremos na passagem a seguir:

- (2) hoje diz que sogra e nora são o que? inimigas... sogra é igual cerveja... tem que tá gelada em cima da mesa (0,5) ((a assembleia ri)) é o não é::?... muita gente diz isso...o cara falo comigo... “comprei uma cama redonda pra minha sogra”...falei porque?...ele disse “porque cobra dorme enrolada::” (0,6) ((assembleia gargalha))

Na passagem notamos que o orador brinca com piadas que reforçam o estereótipo de que a sogra não é apreciada pelos genros ou noras. Ao utilizar tais enunciados, o orador confia que o auditório tem conhecimento de mundo acerca de tais conflitos, o que é confirmado pelo riso da assembleia.

O conhecimento que é ativado por meio do discurso do orador a partir das piadas resgata o estereótipo negativo acerca do papel que ocupam as sogras em um relacionamento conjugal. A visão sobre tais parentes em piadas é comum e reforça

o machismo, uma vez que a figura do sogro não é comumente citada em piadas de forma pejorativa.

Possenti (2014, p. 40) explica que “as piadas operam com estereótipos”. O teórico concebe o estereótipo como “social, imaginário e construído” que “se caracteriza por ser uma redução (com frequência negativa)” (op. cit., p. 40).

Além disso, a partir de situações narradas que são supostamente vividas pelo pastor ou por pessoas de seu círculo social, há aproximação entre orador e auditório, o que estabelece vínculo e faz com que o riso não seja objeto de desrespeito dentro do espaço da religião, visto que é algo real, vivido ou presenciado pelo próprio representante de Deus. Como ocorre quando Duarte versa acerca da dificuldade de criar filhos, em que cita como exemplo uma situação vivida por ele: **“ses dias eu falei pra meu filho...VOU bater ni você...ele disse “eu não fiz nada” eu falei eu não QUERO justiça...eu quero vin-GAN-ça ((assembleia gargalha))”**.

O orador demonstra conhecimento bíblico, o que revela que tem autoridade para dizer. Em poucos momentos menciona de forma direta sua hierarquia: pastor, líder religioso, como se verifica em: **“agora olha que coisa maluca pastor...eles dizem que nois não podemos repreender e educar o filho mas se o meu filho engravidá alguém eu pago penSÃO...eu não posso eduCÁ-lo...mas eu PAgo...por não poder eduCÁ-lo (0,4) ((faz gesto de incompreensão))...isso é a secularização do MA::L...((é aplaudido))”**.

A maneira de demonstrar autoridade do orador não torna seu discurso menos crível, ao contrário, cria uma aproximação com o auditório. Além disso, há momentos em que o pastor revela ter autoridade, ao expor o que seria certo e errado e revelar conhecimentos relacionados a experiências vividas enquanto pastor e formas, por vezes não muito convencionais, de convencer o outro a optar pelo que considera mais adequado para uma pessoa cristã, como ocorre quando elabora uma oração para um pastor que decidiu separar-se da esposa, vejamos:

(3) falei >>senhô o senhô tava no dia que ele caso>>...>>eu não tava não mas o senhô tava>>...e quando perguntaram ele se era até que a morte os separe ele falou que sim...senão não tava aqui nessa situação...>>e ele acabou de me dizer que ele que separar que não tem jeito que é verdade absoluta que não tem jeito é verdade dele>>...e eu tenho que respeitá::...>>então segundo a sua palavra ele disse até que a morte os separe eu queria pedi o Senhor agora em nome de Jesus>> MATA Ele...((a assembleia gargalha)) A-GO-ra (0,4) quando eu abri os olhos ele tava olhando pra mulhé...fazendo assim o:: ((gesticula unindo os dedos))... vão continua é melhô você do que a morte ((a assembleia vibra e aplaude)).

O orador demonstra autoridade, uma vez que faz uma oração na qual pede que a promessa feita no dia do matrimônio se concretize (a morte). Assim, o que poderia ser considerado apenas um gracejo, é revelado como algo sério, pois ao final da oração realizada, o pastor conta que obteve êxito, pois evitou o divórcio: “quando eu abri os olhos ele tava olhando pra mulhé...fazendo assim o:: ((gesticula unindo os dedos))... vão continua é melhô você do que a morte ((a assembleia vibra e aplaude))”.

5.2 O discurso e o modo de dizer

5.2.1 A seleção lexical

A maneira como são dispostas as informações no discurso favorecem (ou não) a comunhão com o auditório e a escolha dos itens lexicais, de forma frequente, auxilia na produção de humor e, conseqüentemente, no caráter argumentativo.

Nesse sentido, o campo da religião é lugar em que há, geralmente, a preocupação com a utilização de um léxico que remeta ao sagrado, respeitando os ritos e crenças da denominação religiosa em que o discurso está sendo proferido.

Na pregação em análise, observa-se a utilização de termos que vão ao encontro do comumente usado no gênero pregação religiosa, tais como: “benção”, “Bíblia”, “Deus”, “graça”, “amém”, “milagre”, “capítulo”, “versículo”, “irmãos”, “Provérbios” (livro da Bíblia), “família”, “honra”, “pecado”, “Senhor”, entre outros. Entretanto, Cláudio Duarte inova ao mencionar termos que fogem ao que é recorrente no discurso da religião, visto que há quebra de expectativa, causada pelo uso incomum de palavras consideradas inadequadas para aquele contexto gera humor. Vejamos os exemplos que seguem:

(4) “eu não QUERO... não quero...eu NÃO QUERO mais ele”... então Mor-ra ((a assembleia ri))

(5) então segundo a sua palavra ele disse até que a morte os separe eu queria pedi o Senhor agora em nome de Jesus>> MATA Ele...((a assembleia gargalha)) A-GO-ra (0,4)

(6) ele fala coisas que seu marido não fala:: “Tá cheiROsa::” miserável do marido nem nariz tem mais aquela PRAga ((a assembleia gargalha))

Não é fato comum o pastor narrar em uma pregação que desejou a morte de alguém. O uso da palavra “morra” (4) gera humor, pois é inesperado que um representante da Igreja tenha coragem de usá-la da maneira como foi empregada pelo pastor, caso o orador dissesse “então que sua vida tenha um fim” causaria estranhamento, mas não graça.

O mesmo ocorre no exemplo (5), quando o orador pede ao “Senhor” que mate o pastor que havia decidido separar-se da esposa. É inusitado para os fiéis que seu representante deseje para outro líder religioso que a morte o acometa por ter pecado. O que se espera em casos assim é que o pastor o aconselhe e diga que tal atitude está errada, o emprego de uma palavra de carga semântica tão forte e, de certa forma, cruel, gera humor.

Outro exemplo está no uso da palavra “PRAga”, que é utilizada geralmente como forma de insulto e, em (6), é empregada para tratar do descaso do marido em relação à esposa, apesar de ser um termo de uso comum pelas pessoas, não é recorrente no campo da religião e o uso da palavra de conotação negativa, especialmente no contexto em que foi empregada, leva o auditório ao riso.

Ressaltamos, também, que o orador opta por utilizar uma linguagem informal, próxima da que o auditório possivelmente utiliza no cotidiano, tornando o discurso mais acessível. Como ocorre com o uso de palavras no diminutivo (“Rutinha”, “piadinhas”, “historinhas”, “namoradinha”), gírias (“manera, careta”) e certas expressões (“vira o zoim”, “se correr o bicho pega se fica o bicho come”).

Ademais, o uso constante de palavras e frases incomuns para determinados campos pode romper tabus. Quando isso acontece em um campo conservador como o da religião, pode gerar humor, fato que ocorre na pregação de Duarte.

Como já dito, tabus são ações proibitivas de diversas ordens (cultural, religiosa, social, ética/ moral). No campo da religião são comuns diversos tipos de tabus como ocorre, por exemplo, com a sexualidade. Pecar no campo da religião é a consequência da quebra de um tabu. Assim, ter relações sexuais fora do casamento é um pecado, pois o matrimônio é uma instituição sagrada entre um homem e uma mulher, sendo proibido o adultério. Cabe ao líder religioso, como representante de Deus, e mediador entre o humano e o divino, condenar ou perdoar no caso de alguma transgressão.

Dessa forma, o uso de alguns termos e a menção a situações que quebram tabus auxiliam na produção de humor, uma vez que não é comum no campo da religião o pastor se valer de tais termos ou relatar sem pudores situações de transgressão cometidas por fieis. Ao fazer graça com situações delicadas, caso do adultério, Duarte, além de ridicularizar a figura do adúltero, coloca orador e auditório numa espécie de tribunal e julga como impróprios os comportamentos que considera inadequados, segundo os dogmas da igreja que representa.

Na pregação em questão, Duarte usa diversos termos tabus: “miserável”, “diabo”; e expressões tabuísticas: “se correr o bicho pega se ficar o bicho come”, “virar o zoim”. Além disso, o orador utiliza relacionamentos que são culturalmente considerados tabus, como é o caso do relacionamento entre nora e sogra, mostrado a seguir:

- (7) hoje diz que sogra e nora são o que? inimigas... sogra é igual cerveja... tem que tá gelada em cima da mesa (0,5) ((a assembleia ri)) é o não é::?... muita gente diz isso...o cara falo comigo... “comprei uma cama redonda pra minha sogra”...falei porque?...ele disse “porque cobra dorme enrolada::” (0,6) ((assembleia gargalha))

Para Rodríguez (2000), a palavra “sogra” é tabuizada no português do Brasil, uma vez que carrega em si uma conotação pejorativa, o que não ocorre com o sogro, por exemplo. O item lexical sogra tem conotação de pessoa má, que interfere, por maldade, na vida do genro ou nora, seja por excesso de proteção seja por ciúmes.

Se tocar em um assunto proibido implica na quebra de um tabu, Duarte faz isso, pois as piadas contadas por ele rompem as proibições tabuísticas e reforçam o estereótipo negativo de sogra.

Tais comparações têm conotação pejorativa. Ao dizer que a sogra deve estar gelada e em cima de uma mesa, o orador está desejando sua morte, pois temos o conhecimento de mundo de que pessoas quando morrem ficam geladas e o caixão fica em cima de um suporte de altura parecida com a de uma mesa. Além disso, beber cerveja gelada é algo prazeroso para os que apreciam a bebida. Assim, o orador compara o prazer de ingerir uma cerveja ao sentimento que teria com a sogra morta (= gelada). O auditório compreende a piada, fato comprovado pelo riso emitido após a fala do pastor.

Em relação à comparação da sogra com uma cobra, Duarte revela a visão negativa acerca da parenta, pois a cobra é um animal peçonhento e é, geralmente, associado a pessoas com caráter duvidoso, que agem com maldade.

Ao romper com esse tabu, o orador faz o auditório rir, uma vez que este não esperava de um líder religioso uma fala aberta e direta acerca do assunto, tendo em vista que, apesar de muitas pessoas da assembleia provavelmente utilizarem a palavra (“sogra”) com a mesma conotação, ela é usada de forma sigilosa, pois os fieis têm consciência de que é esta uma postura inadequada para uma pessoa cristã.

Convém salientar, entretanto, que a palavra de forma isolada não é humorística, o que provoca humor é o item lexical associado ao contexto e o modo como ele é dito, conforme veremos a seguir.

5.2.2 Prosódia: o modo de dizer

Notamos que, em nosso objeto de análise, alguns elementos prosódicos auxiliam na argumentação e produção de humor. Por esse motivo, fizemos uma análise a fim de mostrar como tais dados contribuem para a argumentação e produção de humor na pregação de Duarte.

Um elemento prosódico recorrente no discurso de Duarte é a imitação de voz. Ela é utilizada em diversos momentos pelo orador (“↑ah eu venCI...↑venceu meu filho glória a Deus fica atento porque depois...a vida é como um vídeo game...ganhô uma etapa ((faz um som imitando uma passagem de fase no vídeo game e gesticula virando a mão)) a outra vem mais difícil...cê passou pelos carrinhos ((imita alguém jogando e faz o som de quando o jogador termina o jogo vitorioso)) prêmio ganho::: u::: a próxima vez o carrinho zum zum zu:::m ((imita alguém jogando com mais dificuldade e rapidez)) os carrinho vem correndo mais ainda ((muda o tom de voz)) pa vê se vocês fica habilita::do...a vida é assim...”). Neste caso, o orador compara a vida a um vídeo game (um jogo) e o recurso de imitação de voz é usado como gatilho para a produção de humor.

Essa voz imitada pelo orador lembra a figura do caipira. É possível perceber que o pastor se utiliza de tal estratégia quando pretende fazer gracejo, deixar o conteúdo

mais leve e/ ou produzir humor. O trecho a seguir ilustra bem o caso: assiste *Big Brother*...hoje a humanidade/ é::: brasileiro...Big Brother...grandes coisas ensina pra nossa família... quando não gosta de alguém...elimina... põe no paredão...((a assembleia gargalha)).

Outro exemplo em que se observa a imitação de voz é quando o orador versa acerca da criação dos filhos, criticando a conhecida “Lei da palmada”, defendida e influenciada pela apresentadora Xuxa, que não exercia cargo político nem possuía qualquer formação que justificasse ter autoridade para debater a questão. A lei causou polêmica por proibir pais e responsáveis de punirem crianças e adolescentes com castigos físicos. A mudança no tom de voz do orador revela ironia, numa crítica velada à legislação. Além disso, defende e justifica o argumento de que os pais devem ter liberdade para decidir a forma como devem repreender os filhos.

Além da imitação de voz, um aspecto prosódico de grande relevância para a argumentação e produção de humor em nosso objeto de análise é a tessitura, que são variações de registro da fala. Tais mudanças da qualidade de voz funcionam como estratégia persuasiva do orador. Notamos que o pastor utiliza da tessitura grave quando quer sair do tom bem humorado para introduzir uma forma mais sisuda e fugir da descontração (uma forma considerada mais séria). Já quando quer despertar o riso, utiliza outros efeitos, caso da imitação de voz. Vejamos como ocorre isso nos trechos selecionados:

- (8) A bíblia manda foge dela... a mulheré maneira...mulhé feia não precisa fugi ((risos))...mulher feia só entra no céu porque recebe um novo corpo... é ou não é verdade? ((gesticula que não enquanto a assembleia ri)) isso é heresia... brincadeira...tá certo? ((risos)) Esquece isso...apaga isso...deleta esse troço aí depo/ nem era pra falado meu Deus do céu...oh meu Deus...tem hora que eu falo cada coisa...me perdoa...**mas para pra penSÁ**:.....↑**hoje as pessoas estão mudando os valores de DEUS...e isso tá destruindo a humaniDAde**↑

- (9) P.: a vara da correção...não é pra espancá...mas a varinha (o pastor ri)...faz milagre também... tem que ter uma varinha... legalzinha... é uma correçãozinha...é pra DIS-ci-pli-nar... Deus diz “**eu repreendo e castigo a todos quanto amo sedes zeloso e se arrepende**”...por QUE que a bíblia diz isso? capítulo vinte nove de provérbios...verso quinze...vinte nove verso quinze “a vara e a repreensão **dão::?**”

Nos dois exemplos, há presença de uma tessitura mais grave, com volume de voz alto, no momento em que pretende introduzir algo sem gracejo (“↑**hoje as pessoas estão mudando os valores de DEUS...e isso tá destruindo a humaniDAde↑**” - “**eu repreendo e castigo a todos quanto amo sedes zeloso e se arrepende**”), demonstrando certa exaltação (como podemos perceber a partir do uso ↑negrito↑). No entanto, quando o orador pretende fazer uso de uma linguagem mais lúdica ele utiliza uma tessitura média (que mantém durante a maior parte da pregação) e faz uso de outros elementos prosódicos como, por exemplo, a imitação de voz, conforme já vimos.

Outro fenômeno prosódico comum no discurso de Cláudio Duarte que serve como estratégia para reforçar a argumentação é a interrogação (?), usada em diversos momentos para garantir cumplicidade com o auditório, convocando-os a responder os questionamentos ou para dar continuidade ao discurso:

- (10) **AMÉM?**...“instrui o **meNino NO?**”

A.: “caminho”

P.: “**em que DEve?**”

A.: “andar”

P.: “**até quando ELe?**”

A.: (crescer)

P.: “**e ele NÃO::?**”

A.: ()

P.: **instrui O::?**

A.: menino

P.: crian/ is/isso criança...

Convém esclarecer que os elementos prosódicos descritos acima são usados não apenas para reforçar a argumentação, mas para contribuir com a produção de humor. Isso ocorre porque os modos de dizer atribuem sentido ao discurso, por vezes maior (ou diferente) que o significado que seria atribuído à palavra de forma isolada, ou seja, separada do contexto de uso. Como quando o orador imita uma voz ou mostra indignação (aumentando o volume da voz) por algo que não requer tamanha exaltação (**na hora que eu apanhei ninguém criou lei pra me defender** (0,4)((assembleia gargalha)) **ses dias eu falei pra meu filho...VOU bater ni você...ele disse “eu não fiz nada” eu falei eu não QUERO justiça...eu quero vingan-**ÇA**** ((assembleia gargalha))).

A partir dessa breve consideração acerca dos elementos prosódicos, buscamos mostrar de que forma a prosódia contribui para a argumentação e produção de humor em nosso objeto de análise.

5.2.3 As figuras retóricas

As figuras, na Nova Retórica, adquirem caráter argumentativo, ou seja, deixam de ser vistas como mera ornamentação do discurso. Além do caráter argumentativo, entendemos que esses expedientes retóricos contribuem para a produção do humor da pregação analisada, por tornarem o discurso mais atrativo, leve e interessante facilitando a aceitação do argumento.

Como já mencionado, neste estudo adotamos a categorização de figuras retóricas apresentada por Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), que as separam em três grupos: figuras de escolha, figuras de presença e figuras de comunhão. Com base nesses pressupostos, destacamos tanto as figuras que contribuem para a argumentação quanto as que auxiliam na produção do humor da pregação de Duarte, aumentando a eficácia persuasiva do discurso.

A figura mais frequente para produção de humor na pregação de Duarte é a figura de comunhão denominada alusão. O humor pode ser observado na transcrição por meio do riso explícito do auditório e entendemos que assume a função de chamar a atenção, capturar a benevolência do auditório e alcançar a adesão, além de possibilitar tratar de assuntos considerados tabus para o campo da religião.

A alusão estabelece comunhão entre orador e auditório, uma vez que propicia uma participação ativa da assembleia, manifestada na pregação de Cláudio Duarte pelo riso. O riso seria uma confirmação, uma atitude responsiva do auditório, confirmando que compreendeu o discurso.

Assim, por meio da alusão, o orador empenha-se em criar comunhão em diversos momentos. Ao compartilhar problemas que são, geralmente, evitados por líderes religiosos, situações vivenciadas pelo próprio pastor ou por pessoas de seu círculo social (família, conhecidos e fiéis), o pastor desfaz o estereótipo de homem santo, como são vistos os representantes de religiões (padres, pastores), que aparentam não enfrentar dificuldades comuns ao auditório. O humor, então, ocorre pela descoberta inusitada de haver semelhanças entre o que é vivenciado pelo orador e pela assembleia, conforme é possível notar no excerto abaixo:

- (11) P.: olha o que diz a bíblia “fugi da mulher adúltera”... a bíblia manda tu enfrentá o diabo: (0,3) ((aponta para frente e a assembleia ri)) e fugi da mulher adúltera ((apontando para trás)) do home a/ o que que/ por que que Deus não falou enfrenta a mulhé: ((gesticula que não com veemência)) (0,5) foge da mulhé adúltera e enfrenta o diabo... porque a mulher adúltera é mais perigosa...o homem adúltero...é mais perigoso... ele fala coisas que seu marido não fala:: “Tá cheiROsa:” miserável do marido nem nariz tem mais aquela PRAga ((a assembleia gargalha)) é ou não é? hé hé hé::... o adúltero abre a porta do carro pra você entrá::...seu marido sai com carro você nem entrô... ((risos)) um pé dentro e outro fora... é ou não é verda/ ((diz enquanto imita pulando com um pé apenas apoiado no chão))...vai a mulhé assim... para pra penSÁ ((a assembleia gargalha)) cê tá rindo de coisa que te faz **choRÁ**::...é ou não é verdade...pare pra penSÁ::...isso é/isso é perigosíssimo

irmã:::...aquela mulhé::/ é ou não é? A bíblia manda foge dela... a mulhé maneira...mulhé feia não precisa fugi ((risos))...mulher feia só entra no céu porque recebe um novo corpo... é ou não é verdade? ((gesticula que não enquanto a assembleia ri)) isso é heresia... brincadeira...tá certo? ((risos))

Nesse trecho, o orador usa citações (a citação é também uma figura de comunhão) bíblicas (“olha o que diz a bíblia “fugi da mulher adúltera”... a bíblia manda tu enfrentá o diabo: (0,3) ((aponta para frente e a assembleia ri))”) e alusões (“aquela mulhé::/ é ou não é? A bíblia manda foge dela... a mulhé maneira...mulhé feia não precisa fugi ((risos))...mulher feia só entra no céu porque recebe um novo corpo... é ou não é verdade? ((gesticula que não enquanto a assembleia ri)) isso é heresia... brincadeira...tá certo? ((risos))”) ao discurso bíblico na busca de afiançar seus argumentos, dando credibilidade ao discurso, ao mencionar o livro que é considerado Sagrado pelos cristãos, o que torna os argumentos do orador irrefutáveis.

Apesar de utilizar como base o texto bíblico para afiançar sua argumentação o pastor faz menção a discursos populares, como ocorre com as piadas, por exemplo. Além disso, o orador se vale do humor para tratar da temática do adultério de forma mais sutil e aparentemente despretensiosa para defender os preceitos bíblicos que defende: a família tradicional constituída pelo matrimônio, pois são valores defendidos pela doutrina da Igreja que representa.

Por meio da graça, o pastor discursa acerca de assuntos frágeis e difíceis de serem abordados de forma muito leve, chamando atenção para o descaso sofrido por homens e mulheres no casamento, o que os leva a serem tentados/ tentadas pelo adultério (“porque a mulher adúltera é mais perigosa...o homem adúltero...é mais perigoso... ele fala coisas que seu marido não fala:: “Tá cheiROsa::” miserável do marido nem nariz tem mais aquela PRAga ((a assembleia gargalha))”).

Ao aludir a fatos que possivelmente muitos fieis já vivenciaram, o orador-pastor mostra reconhecer as dificuldades que o auditório enfrenta, demonstrando cumplicidade. A maneira irreverente como conduz o discurso, fazendo gracejo com o

belo e o feio (“aquela mulhé::/ é ou não é? A bíblia manda foge dela... a mulhé maneira...mulhé feia não precisa fugi ((risos))...mulher feia só entra no céu porque recebe um novo corpo... é ou não é verdade? ((gesticula que não enquanto a assembleia ri))), desperta o riso na assembleia, pois conduz o auditório a perceber, de forma inesperada, as semelhanças com o pastor, como o fato de pensar e julgar o próximo pela aparência, por exemplo.

O apelo feito pelo pastor reforça um pensamento tradicional e machista, usado comumente em piadas, para reforçar um raciocínio de que as mulheres que não têm a aparência considerada bela (por fugir ao padrão de beleza difundido na sociedade, especialmente pela mídia) não são desejadas e, na piada feita pelo pastor, elas só entrariam no céu por receberem um novo corpo/ uma nova aparência. O orador faz tal apelo de forma proposital para gerar humor, o que se pode notar por ele repreender o próprio discurso dizendo que o que acaba de dizer é heresia (((gesticula que não enquanto a assembleia ri)) isso é heresia... brincadeira...tá certo? ((risos)) Esquece isso...apaga isso...deleta esse troço aí depo/ nem era pra falado meu Deus do céu...oh meu Deus...tem hora que eu falo cada coisa...me perdoa...).

Esse apelo à piada que reforça o padrão de beleza, comum nos discursos fora do contexto da religião, nos remete ao que Propp (1992) chama de “comicidade da semelhança”. Segundo o estruturalista russo (que faz um estudo das relações entre comicidade e riso), um discurso pode ser cômico ao perceber, de forma repentina, que temos semelhanças com o outro. Tais semelhanças podem ser físicas, de aspirações ou de costumes, ou seja, perceber o pastor como humano que também peca ao julgar o outro pela aparência, gera o riso.

Convém destacar que o orador, para manter a atenção do auditório, interage constantemente (não apenas no exemplo exposto) com o auditório a partir do uso da figura de comunhão apóstrofe que, conforme Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005,) é uma “interrogação oratória”. A título de ilustração, Duarte usa com frequência a expressão “é ou não é? é:::.....”, como forma de manter a atenção do auditório, buscando aprovação ao discurso.

Vejamos a seguir outra passagem da pregação na qual o orador faz menção ao relacionamento entre nora e sogra.

- (12) “minha filha não tirei eu de buscar descanso para que fiques bens:?” ...a sogra ta falando pra quem?(diz com tom jocoso, provocativo)...pra nora...que a verdade de Deus é diferente da verdade...secular...hoje diz que sogra e nora são o que? inimigas... sogra é igual cerveja... tem que tá gelada em cima da mesa (0,5) ((a assembleia ri)) é o não é::?... muita gente diz isso...o cara falo comigo... “comprei uma cama redonda pra minha sogra”...falei porque?...ele disse “porque cobra dorme enrolada::” (0,6) ((assembleia gargalha)) **é o que a gente OUVE gente...são piaDInhas histoRInhas...enquanto a bíblia diz que nora e sogra deveriam ser aMlGas...parceiras...CÚMplices**...mas as pessoas não estão interessadas na verdade de Deus...é melhor acredita que sogra é uma praga...que nora é hoRRORosa...e vão se degladiAR::...disputar o meNI::no...que não sabe se fica entre a mãe que o gerou...ou a mulher que vira seus zoIM...((assembleia gargalha)) garoto fica doido...se eu falo que é mamãe...não viro o zoIM...se eu viro o zoIM mamãe não que::...oh meu Deus do céu...se correr o bicho pega se fica o bicho come ((pastor e assembleia riem))

Como se observa, o orador resgata os problemas de relacionamento entre sogra, filho/ filha e genro/ nora, aludindo aos conhecimentos próprios dos “membros do grupo com os quais busca estabelecer comunhão” (PERELMAN, OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 201), em que sogra é tida como pessoa de difícil convivência e que, geralmente, atrapalha a vida do casal (em geral, por ciúmes), por esse motivo a piada em que há o desejo pela morte da sogra é aceita pelo auditório (sogra é igual cerveja... tem que tá gelada em cima da mesa (0,5)), pois ressalta o pensamento sobre sogra ser a pessoa que apenas atrapalha a vida do casal, sendo a morte a opção mais viável para tal parente. Além da comparação indireta com uma cobra, animal que tem uma carga semântica negativa, traiçoeira, que pode “dar o bote” a qualquer momento.

No caso da comparação com animais, Propp (1992) explica que para elas “são úteis apenas os animais a que se atribuem certas qualidades negativas lembram qualidades análogas do ser humano” (p. 66). Ainda segundo esse autor, a comparação com animais só gera humor quando revela algum defeito, caso isso não ocorra “a comparação não só não é ofensiva, mas pode até servir como manifestação de elogio ou de afeto” (p. 67).

No caso da pregação, a comparação com o réptil produz humor, pois tem o intuito de desvelar um defeito (de pessoa/ animal traiçoeiro, que pode causar danos). Ao rir, o auditório demonstra compartilhar do mesmo conhecimento de mundo do orador: o de que a sogra é vista de forma negativa na sociedade.

A forma como é exposto o problema de relacionamento entre a nora e a sogra e, principalmente, a maneira como o conjugue se sente ao vivenciar o conflito entre a mãe e a esposa, o emprego de termos que não são comuns ao ambiente religioso, leva o auditório ao riso (“é melho acredita que sogra é uma praga...que nora é hoRRORosa...e vão se degladiAR::...disputar o meNI::no...que não sabe se fica entre a mãe que o gerou...ou a mulher que vira seus zoIM...((assembleia gargalha)) garoto fica doido...se eu falo que é mamãe...não viro o zoIM...se eu viro o zoIM mamãe não que::...oh meu Deus do céu...se correr o bicho pega se fica o bicho come ((pastor e assembleia riem))”).

Como podemos notar, tal estratégia é meticulosamente usada para aumentar a tensividade retórica. Nesse contexto, o uso da figura de comunhão alusão “aumenta o prestígio do orador que possui e sabe utilizar tais riquezas” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 201), como ocorre na pregação de Duarte.

Apesar de esse expediente retórico ser o mais recorrente e relevante para a produção de humor e persuasão na pregação de Duarte, há outras figuras que também contribuem com o efeito de sentido humorístico produzido. A figura de presença conhecida como onomatopeia é mais um exemplo para o caso, visto que contribui para o processo argumentativo e também provoca o riso. É o que podemos ver em:

- (13) ↑ah eu venCI...↑venceu meu filho glória a Deus fica atento porque depois...a vida é como um vídeo game...ganhô uma etapa ((faz um som imitando uma passagem de fase no vídeo game e gesticula virando a mão)) a outra vem mais difícil...cê passou pelos carrinhos ((imita alguém jogando e faz o som de quando o jogador termina o jogo vitorioso)) prêmio ganho::: u::: a próxima vez o carrinho zum zum zu:::m ((imita alguém jogando com mais dificuldade e rapidez)) os carrinho vem correndo mais ainda ((muda o tom de voz)) pa vê se vocês fica habilita::do...a vida é assim...

A partir do comentário do transcritor (“((faz um som imitando uma passagem de fase no vídeo game e gesticula virando a mão))”) e da imitação também descrita acerca do barulho que faz o carrinho do vídeo game em alta velocidade (“a próxima vez o carrinho zum zum zu:::m ((imita alguém jogando com mais dificuldade e rapidez)) os carrinho vem correndo mais ainda”), nota-se que, com a reprodução dos sons, o orador deixa o discurso mais interessante.

Notamos, também, o uso da figura pseudodiscurso direto, especialmente na “Oração do divórcio” contida em nosso objeto de análise. A figura retórica pseudodiscurso direto é uma figura de presença em que “aumenta-se o sentimento de presença atribuindo ficticiamente palavras a uma pessoa ou a várias conversando entre si” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 200).

- (14) ses dias o pastor falou comigo que queria larga a mulhé...eu falei pastor não faz isso...ele disse “eu quero... NAda do que você vai fala comigo vai mudá... o meu pensamento”...>>falei então o senhô vem aqui que eu vou fazê a oração do divórcio pro senhô>>...>>ele falo “isso existe?”>>...>> eu falei fui eu mesmo que criei é de minha autoria>> ((a assembleia ri))... ele falou como é que é isso...eu falei vem aqui que o senhô vai vê... >>segurei no ombro dele e apertei...>>falei senhô:::...a mulhé dele chorano... falei eu vô libera você agora cara...tranquilo...falei >>senhô o senhô tava no dia que ele caso>>...>>eu não tava não mas o senhô tava>>...e quando perguntaram ele

se era até que a morte os separe ele falou que sim...senão não tava aqui nessa situação...>>e ele acabou de me dizer que ele que separar que não tem jeito que é verdade absoluta que não tem jeito é verdade dele>>...e eu tenho que respeitá::...>>então segundo a sua palavra ele disse até que a morte os separe eu queria pedi o Senhor agora em nome de Jesus>> MATA Ele...((a assembleia gargalha)) A-GO-ra (0,4) quando eu abri os olhos ele tava olhando pra mulhé...fazendo assim o:: ((gesticula unindo os dedos))... vão continua é melhô você do que a morte ((a assembleia vibra e aplaude))

A reprodução da situação supostamente vivenciada pelo orador na “Oração do divórcio”, narrada a partir da descrição da cena e do diálogo entre os envolvidos (o orador, Cláudio Duarte; um homem que também é pastor; uma mulher; e Deus), gera sentimento de presença, uma vez que detalha um fato, atribuindo credibilidade ao discurso do orador. O caso, inusitado e cômico, desencadeia o riso com o pedido a Deus, por meio da oração, pela morte do pastor que queria o desquite, prática condenada pela maior parte das religiões cristãs, uma vez que a promessa feita no ato do matrimônio cristão é que o casal permaneça junto até que a morte os separe.

No entanto, o orador não deseja realmente a morte do pastor (ou de qualquer fiel), mas o convencimento de que tal prática é errada para os padrões religiosos da igreja na qual estão filiados, revelando, assim, ironia.

Como dissemos anteriormente, os itens lexicais selecionados pelo orador causam estranhamento no auditório pela força semântica que representam e isso gera o riso. Entretanto, as escolhas feitas na composição da oração têm o sentido ampliado para rememorar a promessa feita no matrimônio (de viver junto até que a morte os separe). A argumentação, dessa forma, objetiva persuadir o pastor, gerar o riso e levar o auditório a refletir sobre suas escolhas.

A ironia revela, nesse sentido, “os defeitos do que se fala, o que contribui para a comicidade” (PROPP, 1992, p. 125). O defeito desvelado, no caso em questão, é do pastor, que deveria ser exemplo para os fieis e havia optado por uma prática condenada pela igreja. Isso pode ser percebido pela interação entre os itens lexicais

que compõem a oração, a maneira de dizer do orador e o contexto que detalha a reação dos envolvidos na situação narrada pelo orador.

Convém salientar que a ironia, no exemplo mencionado, além de produzir humor, é uma forma de argumentação do orador, pois, por meio dela, Duarte convence ao pastor a mudar de atitude.

5.2.4 O uso dos argumentos

Tratemos agora dos tipos de argumento que contribuem para a eficácia da argumentação e produção de humor no discurso de Duarte. Iniciemos pelo argumento quase-lógico da contradição e incompatibilidade. Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) explicam ser conveniente, inicialmente, pôr em evidência o esquema formal utilizado como molde para a construção do argumento. Após isso, “as operações de redução que permitem inserir os dados nesse esquema e visam torná-los comparáveis, semelhantes, homogêneos” (p. 219).

No caso da pregação religiosa, o esquema utilizado pelo orador é a fundamentação bíblica, visto que ao introduzir um assunto o pastor busca respaldo no livro Sagrado. Assim, ele modula a argumentação a partir dos valores tradicionais religiosos cristãos.

Observemos a seguinte passagem:

- (15) a bíblia diz que filho é BENção...eu acredito que a bíblia diz...que tem hora hã ((faz expressão de sofrimento)) tem hora eu já falei isso aqui:...quando tá pequenininho a gente olha e diz...“que vontade de comer”...depois que cresce a gente diz “porque que eu não comi...puxa vida” ((a assembleia gargalha)) puxa se eu tivesse comido quando era pequeno rapaz não dava esse problema...porque tem hora que num/num num dá? tem hora que só a graça... e hoje hoje hoje gente...olha o que a bíblia DIZ no que diz respeito a filhos...provérbios...capítulo vinte dois versos seis (0,3) não sou

eu é a bíblia...viu? me perdoe a turma do senado...me perdoa a turma da câmara...me perdoa Xuxa que vai pra lá pra fazer lei ((com tom de reprovação))...me perdoa essa turma...vinte dois se:is:: (0,3) **AMÉM?**...“instrui o **meNino NO?**”

Como podemos notar, o orador começa o discurso alicerçando a argumentação no texto bíblico, em seguida revela o que pretende contestar, algum aspecto da legislação, indicando qual seria pelo fato de citar a apresentadora de televisão conhecida como Xuxa. É possível inferir, pelas informações apresentadas, que se trata da conhecida “Lei da palmada”, uma vez que houve muita polêmica na época em que foi criada, por ter sido influenciada pela apresentadora e em proibir os responsáveis por crianças e adolescentes de os punirem com castigos físicos.

Para gerar humor e sedimentar a argumentação, o orador demonstra reconhecer e ser conhecedor das dificuldades na criação dos filhos, como é possível notar no início do exemplo (16). Ao dar prosseguimento com a argumentação o orador apresenta o texto bíblico em leitura compartilhada com a assembleia e continua o discurso, vejamos:

(16) **hoje essa turma vai pro senado pra fazê uma lei de que eu não posso bater no meu Filho** (0,4) ((para e fica olhando para a assembleia)) **na hora que eu apanHEI ninguém criou lei pra me defender** (0,4)((assembleia gargalha)) **ses dias eu falei pra meu filho...VOU bater ni você...ele disse “eu não fiz nada” eu falei eu não QUero justiça...eu quero vin-GAN-ça** ((assembleia gargalha)) **agora olha que coisa maluca pastor...eles dizem que nois não podemos repreender e educar o filho mas se o meu filho engravidá alguém eu pago penSÃO...eu não posso eduCÁ-lo...mas eu PAgo...por não poder eduCÁ-lo** (0,4) ((faz gesto de incompreensão))...**isso é a secularização do MA::L...**((é aplaudido))

A argumentação do orador pode parecer lógica no contexto bíblico-religioso, mas não é inteiramente lógica por usar preceitos cristãos a fim de questionar um aspecto

da legislação, uma vez que o Brasil é, nas letras da lei, um país laico. Ademais, o humor é gerado pelo fato de o pastor valer-se de argumentos bíblicos aparentemente pertinentes para o auditório, mas justificar sua argumentação com o fato de não haver legislação que o protegesse quando sofria retaliações com castigos físicos e com o relato de um suposto diálogo ocorrido entre ele e o filho.

A incompatibilidade e incoerência dos argumentos usados pelo orador ao fazer graça, dizendo que quando apanhou não havia lei que o defendesse, levam ao ridículo. Conforme Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), uma “afirmação é ridícula quando entra em conflito, sem justificação, com uma opinião aceita” (p. 233).

Outro argumento utilizado que contribui para a produção do humor e eficácia da persuasão na pregação de Duarte é o argumento de reciprocidade. O argumento de reciprocidade visa “aplicar o mesmo tratamento em duas situações correspondentes” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 250). Ainda segundo os autores, a percepção das situações é necessária para ser aplicável a regra de justiça.

Em nosso objeto de análise, o argumento de reciprocidade é utilizado a fim de gerar o humor, o que contribui para o processo de persuasão na medida em que o orador coloca-se a todo tempo como indivíduo que, apesar de líder religioso, passa por problemas cotidianos, como no caso da dificuldade da criação dos filhos, da mesma forma que a assembleia. Essa percepção de semelhança entre os pares leva ao riso, aumenta a atenção e leva a adesão.

Além disso, o orador-pastor evidencia não haver diferença entre o representante religioso e o auditório quando narra uma situação em que um pastor o procura para comunicar que decidiu divorciar-se, prática condenada pelo pastor. Vejamos:

(17) a o meu amô pelo meu marido acabô...cabo nada ele ta é soterrado debaixo de um monte de entulho...só tira os entulho...que o amor aparece de novo... “AH::: mais eu não quero que ele apareça” ...ai o problema é seu... “eu não QUERO... não quero...eu NÃO QUERO mais ele”... então Mor-ra ((a assembleia ri))...porque você disse que era até que a morte os separe...

- (18) ses dias o pastor falou comigo que queria larga a mulhé...eu falei pastor não faz isso...ele disse “eu quero... NAda do que você vai fala comigo vai mudá... o meu pensamento”...>>falei então o senhô vem aqui que eu vou fazê a oração do divórcio pro senhô>>...>>ele falo “isso existe?”>>...>> eu falei fui eu mesmo que criei é de minha autoria>> ((a assembleia ri))... ele falou como é que é isso...eu falei vem aqui que o senhô vai vê... >>segurei no ombro dele e apertei...>>falei senhô::...a mulhé dele chorano... falei eu vô libera você agora cara...tranquilo...falei >>senhô o senhô tava no dia que ele caso>>...>>eu não tava não mas o senhô tava>>...e quando perguntaram ele se era até que a morte os separe ele falou que sim...senão não tava aqui nessa situação...>>e ele acabou de me dizer que ele que separar que não tem jeito que é verdade absoluta que não tem jeito é verdade dele>>...e eu tenho que respeitá::...>>então segundo a sua palavra ele disse até que a morte os separe eu queria pedi o Senhor agora em nome de Jesus>> MATA Ele...((a assembleia gargalha)) A-GO-ra (0,4) quando eu abri os olhos ele tava olhando pra mulhé...fazendo assim o:: ((gesticula unindo os dedos))... vão continua é melhô você do que a morte ((a assembleia vibra e aplaude))

Na passagem exposta em (18), o orador insinua que uma mulher deve morrer, pois deseja se separar do marido, tendo em vista a promessa feita no dia do matrimônio, de viver juntos até que a morte os separe, o que leva o auditório ao riso, visto que a situação é inusitada. Não é esperado que um pastor fale tão claramente para um fiel que, caso ele descumpra alguma prescrição bíblica – dogmática deverá ser punido de maneira tão severa, espera-se compreensão, aconselhamentos e até que as consequências sejam mencionadas, mas não de forma tão direta como foi feito por Duarte.

É possível perceber com clareza o argumento de reciprocidade no exemplo (19), em que o orador começa a relatar uma situação correspondente, mas vivida por um pastor, um líder religioso como Cláudio Duarte. O orador insinua compreender o que está ocorrendo com o pastor e diz fazer uma oração de criação própria, a “Oração do divórcio”, na qual ele faz o mesmo julgamento que fez a jovem anterior: caso

decida se divorciar deverá morrer a fim de cumprir a promessa feita no dia em que decidiu casar-se, levando o auditório ao riso.

Além disso, a partir do argumento quase lógico de comparação (“vão continua é melhô você do que a morte”), o pastor que queria se separar conclui ser melhor manter o casamento, pois compara e compreende que é melhor viver com a esposa que morrer. Com isso, Duarte mostra que é possível reatar os laços matrimoniais e, principalmente, que os pastores devem seguir os preceitos religiosos e dogmáticos assim como os fieis (reciprocidade), pois serão punidos da mesma maneira em caso de descumprimentos, uma vez que são todos servos de Deus.

Outro argumento observado na pregação examinada é um argumento da categoria “Argumentos baseados na estrutura do real”, os quais estabelecem conexões com o auditório a partir de situações reais, ou seja, não mantém vínculo com a lógica, mas com a experiência. Conforme Ferreira (2010), nesses “argumentos, importa mais explicar do que implicar” (p.162).

Para Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), nesse tipo de argumento o que interessa “não é uma descrição objetiva do real, mas a maneira pelo qual se apresentam as opiniões a ele concernentes, podendo estas, aliás, ser tratadas, quer como fatos, quer como verdades, quer como presunções” (p. 298). Como ocorre, em nosso objeto de análise, com o argumento pragmático que está incluído na categoria dos argumentos baseados na estrutura do real.

Os argumentos pragmáticos são aqueles que estabelecem “uma ligação de sucessão que permite analisar algo a partir de suas consequências favoráveis ou desfavoráveis” (FERREIRA, 2010, p. 163). No objeto de análise desta dissertação notamos a presença do argumento pragmático mais nitidamente em dois momentos do discurso de Duarte.

O primeiro é referente ao excerto acerca do relacionamento entre nora e sogra. Nele o orador, com muito humor, insinua ser a falta de entendimento entre a sogra e a nora um dos grandes problemas de um casamento e que é uma prática que vai de

encontro ao que prescreve a Bíblia. Os conflitos provenientes desse relacionamento conflituoso geram uma situação desconfortável para o homem que é filho e marido, que fica entre a mãe e a esposa.

- (19) hoje diz que sogra e nora são o que? inimigas... sogra é igual cerveja... tem que tá gelada em cima da mesa (0,5) ((a assembleia ri)) é o não é::?... muita gente diz isso...o cara falo comigo... “comprei uma cama redonda pra minha sogra”...falei porque?...ele disse “porque cobra dorme enrolada::” (0,6) ((assembleia gargalha)) **é o que a gente OUVE gente...são piaDInhas histoRInhas...enquanto a bíblia diz que nora e sogra deveriam ser aMlGas...parceiras...CÚmplices**...mas as pessoas não estão interessadas na verdade de Deus...é melhor acredita que sogra é uma praga...que nora é hoRRORosa...e vão se degladiAR::...disputar o meNI::no...que não sabe se fica entre a mãe que o gerou...ou a mulher que vira seus zoIM...((assembleia gargalha)) garoto fica doido...se eu falo que é mamãe...não viro o zoIM...se eu viro o zoIM mamãe não que::...oh meu Deus do céu...se correr o bicho pega se fica o bicho come ((pastor e assembleia riem))

Nesse caso, não há opções e ambas as escolhas geram mal estar, são desfavoráveis para o homem o que, junto às piadas que relatam o conhecimento que é difundido pela maior parte da sociedade: o relacionamento entre nora e sogra e nora é difícil, pois a sogra interfere na vida do casal, mimá o filho e implica com a nora, geram o cômico.

O segundo trecho em que há presença do argumento pragmático é a “Oração do divórcio” (19), visto que nela o pastor narra a situação do casamento lembrando a promessa feita pelo pastor que desejava o divórcio, expõe o desejo expressado pelo mesmo em romper com o matrimônio e explica que a consequência para tal fato é desagradável, mas única: a morte.

5.3 O humor como estratégia persuasiva: *ethos*, *pathos* e *logos*

O *ethos*, o *pathos* e o *logos* são as provas retóricas que estão intrinsecamente vinculadas a fim de garantir o sucesso do discurso retórico atingindo a persuasão. Como vimos, o humor pode ser um recurso argumentativo eficiente (cf. PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005; CARMELINO, 2012), o que podemos comprovar por estar presente em gêneros culturalmente considerados sérios, como acontece com a pregação religiosa do pastor Cláudio Duarte.

Dessa forma, o pastor-orador dá ao auditório uma boa impressão, pois mostra ter postura de um líder religioso que compreende as aflições dos problemas cotidianos pelos quais os fieis passam, criando cumplicidade com a assembleia, despertando, assim, paixões positivas, como a alegria, a calma e a confiança.

A partir da manifestação do *logos* – por meio do uso de figuras retóricas, escolhas lexicais realizadas e os argumentos empregados pelo orador –, é possível observar a manifestação do *ethos* (a imagem que o orador constrói a partir do discurso) e o *pathos* (as emoções mobilizadas no auditório).

Ao tomar a palavra, o orador constrói uma imagem de si a partir de seu discurso. Para tanto não é preciso delinear um autorretrato (AMOSSY, 2008), o *ethos* não corresponde, necessariamente, aos atributos reais do orador. Apesar da irreverência manifestada na pregação, o orador demonstra respeito e interesse em manter valores tradicionais da Igreja que representa (Batista). Para tanto, suas reflexões partem do texto da Bíblia. Na pregação, o orador constrói a imagem de sério, informado, líder, irreverente e humilde.

Para instaurar o *ethos* de sério, preocupado com os problemas que perpassam a vida dos fieis, o orador revela-se porta-voz da palavra de Deus, conhecedor do texto bíblico e de questões sociais que podem conturbar o cotidiano do auditório. Como ocorre quando o orador trata da dificuldade em criar os filhos, respaldando sua fala no texto bíblico a fim de criticar uma lei: “provérbios...capítulo vinte dois versos seis (0,3) não sou eu é a bíblia...viu? me perdoe a turma do senado...me perdoa a turma

da câmara...me perdoa Xuxa que vai pra lá pra fazer lei ((com tom de reprovação))...me perdoa essa turma...vinte dois se:is:: (0,3) **AMÉM?**".

A partir do exemplo citado, o orador também revela o *ethos* de informado, pois é conhecedor das leis e de como elas podem dificultar ou até mesmo atrapalhar a criação dos filhos, conforme os preceitos cristão nos quais acredita (**olha que coisa maluca pastor...eles dizem que nois não podemos repreender e educar o filho mas se o meu filho engravidá alguém eu pago penSÃO...eu não posso eduCÁ-lo...mas eu PAgO...por não poder eduCÁ-lo** (0,4) ((faz gesto de incompreensão)))

Além de mostrar-se informado sobre a legislação, o orador demonstra conhecer os programas da atualidade que podem influenciar as atitudes dos fieis, como a novela Rebelde, destinada ao público jovem e o *reality Big Brother* (hoje a juventude tem que ser::...reBELde...reBE::lde::... assiste *Big Brother*...hoje a humanidade/ é:: brasile::iro...*Big Brother*...grandes coisas ensina pra nossa família... quando não gosta de alguém...elimina... põe no paredão...((a assembleia gargalha))).

Outra imagem construída pelo orador é a de líder. Duarte é pastor, considerado, portanto, representante de Deus. Para manter a imagem projetada e torná-la efetiva para os fieis, o orador revela conhecimento bíblico e dogmático, além de reiterar, mesmo que de forma sutil, o papel que exerce na hierarquia da igreja (o pastor usou o exemplo de Davi...). Além disso, demonstra ter autoridade para fazer julgamentos acerca da atitude de outros membros da igreja ("AH:: mais eu não quero que ele apareça"...ai o problema é seu... "eu não QUERO... não quero...eu NÃO QUERO mais ele"... então Mor-ra ((a assembleia ri))). Nesse sentido, o orador constrói a imagem de líder que sabe orientar seus fieis a discernir o que seria certo ou errado, uma vez que tem autoridade para isso.

O *ethos* de irreverente é construído a partir de argumentos, figuras e usos lexicais que demonstram proximidade do orador com a assembleia. Para tanto, o orador usa diversos itens lexicais que rompem tabus religiosos, faz uso de algumas figuras retóricas, especialmente a figura de comunhão alusão e dispõe de argumentos como o argumento quase lógico da contradição e da incompatibilidade, o argumento de

reciprocidade, o argumento quase lógico de comparação, o argumento pragmático (argumento baseado na estrutura do real).

A exemplo disso, podemos mencionar o momento em que o orador critica o fato de o Estado intervir na forma de criar os filhos, partindo principalmente do argumento quase lógico da contradição e da cumplicidade, como já vimos, (“**olha os valores...seculares hoje/ hoje essa turma vai pro senado pra fazê uma lei de que eu não posso bater no meu Filho** (0,4) ((para e fica olhando para a assembleia)) **na hora que eu apanhei ninguém criou lei pra me defender** (0,4)((assembleia gargalha))”)

Ademais, a forma como o orador articula seus argumentos, fazendo uso de uma linguagem simples – com o emprego, em alguns momentos de gírias (“manera”), uso de palavras no diminutivo (“Rutinha”) e expressões empregadas em situações informais (“virar o zóim”) –, além de compreender os problemas pelos quais o auditório perpassa, constrói uma imagem de humilde, pois apesar de exercer poder e liderança na instituição religiosa que representa, não demonstra soberba.

O *pathos*, por sua vez, vincula-se ao conjunto de emoções que o orador consegue desencadear no auditório a partir do discurso. As paixões são capazes de causar mudanças nas pessoas modificando a forma de pensar e agir, uma vez que mexem com o sentimento do indivíduo. Nesse sentido, buscamos compreender de que maneira o humor ajuda na mobilização de emoções no auditório a fim de levar a assembleia a aderir ao discurso de Duarte.

Podemos verificar que o humor em nosso objeto de análise é capaz de gerar alegria, paixão óbvia, manifesta pelo auditório por meio do riso aberto (possível notar na transcrição por meio dos comentários do transcritor e que veremos nas imagens adiante). Essa alegria gerada provoca sensação de prazer e concordância com o discurso.

A alegria é uma paixão positiva e, de forma consciente ou não, demonstra outra emoção: o amor. Conforme Bordelois (2007), isso ocorre, pois amamos “quem nos

deixa alegres, aquele que difunde em nós uma energia luminosa” (p. 128). Vejamos abaixo imagens que mostram a assembleia rindo durante o discurso de Duarte:



Figura 2. *Stills* da pregação “Reconstruindo as verdades de Deus” – Auditório rindo

Além disso, ao buscar respaldo em diversos momentos no texto bíblico, o orador mobiliza confiança em seu auditório, visto que a Bíblia é um livro considerado Sagrado para os cristãos. Conforme Ferreira (2010), a confiança demonstra “conhecimento de causa, demonstrar honestidade e segurança movem o auditório para o espaço da confiança” e faz com que o auditório julgue o orador digno de fé (p. 140).

Podemos afirmar também que o orador gera confiança e causa a paixão oposta a ela, o temor. Isso ocorre quando ele revela as possíveis consequências de não cumprir com os preceitos bíblicos e religiosos, como o que resultaria do divórcio: a morte (“AH::: mais eu não quero que ele apareça”...ai o problema é seu... “eu não QUERO... não quero...eu NÃO QUERO mais ele”... então Mor-ra ((a assembleia ri))...porque você disse que era até que a morte os separe...”).

No entanto, isso não causa uma postura negativa e não se mantém por longo tempo no auditório, visto que o orador revela as possibilidades de não sofrer tais penalidades: seguir os princípios religiosos e cristãos fornecidos pela Bíblia, o que contribui para firmar confiança entre orador e auditório.

Ademais, ao fazer graça com situações cotidianas, o orador revela consciência das dificuldades enfrentadas pelo auditório no cotidiano leva a assembleia a crer e confiar no orador. Tais considerações podem ser observadas, pois há momentos em que, junto ao riso, o auditório aplaude o pastor-orador, demonstrando aprovação ao que é defendido por Duarte.



Figura 3. *Stills* da pregação “Reconstruindo as verdades de Deus” – Auditório rindo e aplaudindo

Outra paixão mobilizada é a calma, conforme Aristóteles (2000), a calma é “a inibição e o apaziguamento da cólera”. Nesse sentido, a percepção do auditório de que o próprio líder religioso enfrenta problemas semelhantes aos seus pode diminuir a aflição da assembleia, pois compreendem que é preciso superar para continuar fieis aos preceitos bíblicos-religiosos.

Cabe também salientar que o orador toca, através do humor, em assuntos frágeis e que são difíceis de serem abordados. Questões que levam o auditório a reconhecer as dificuldades por eles enfrentadas, levando o auditório à reflexão. Com isso demonstra empatia e que é a palavra de Deus (da qual é representante) a única capaz de guiar para as melhores decisões na vida da assembleia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, propusemo-nos a investigar a função e relevância do humor em um gênero da prática social religiosa, caso da pregação. Nossa motivação inicial foi perceber que alguns líderes religiosos se valiam do humor durante suas pregações e sabemos que o campo da religião é conhecido como um lugar sério, visto que lida com as crenças das pessoas, com o sobrenatural, o sagrado.

Nesse contexto, chamou-nos atenção a pregação religiosa de Cláudio Duarte, pela forma como o pastor utiliza o humor para tocar em questões difíceis de serem abordadas, geralmente sobre as dificuldades no relacionamento familiar ou acerca da sexualidade do casal.

Passamos então a pesquisar qual pregação de Duarte comporia nosso objeto de investigação e optamos por analisar uma parte de “Reconstruindo as verdades de Deus”, pregação na qual o orador versa acerca das verdades que precisam ser resgatadas pelos fieis. O recorte selecionado aborda questões relativas ao tratamento das relações familiares, como os problemas que podem acontecer no relacionamento do casal (como o adultério e o divórcio), a criação dos filhos e a convivência entre nora e sogra.

Para a realização do trabalho, partimos dos pressupostos teóricos e analíticos da retórica aristotélica e da Nova Retórica. Assim, buscamos, por meio do *logos*, identificar as técnicas argumentativas responsáveis pela produção do humor, a construção de imagem do orador (*ethos*) e a mobilização de emoções no auditório (*pathos*).

Após a análise, notamos que Duarte constrói sua autoridade inicialmente por ser um pastor e, portanto, um representante de Deus, além de basear seu discurso na Bíblia, livro considerado como sagrado para as pessoas que nela acreditam, pois ela representa a palavra do Senhor. Dessa form, o orador constrói os *ethé* de sério, informado, líder, irreverente e humilde.

A imagem de sério é construída, pois o orador conhece e respeita os preceitos bíblicos e religiosos da igreja que representa, além de mostrar-se informado acerca da legislação e programas atuais (televisivos) que podem influenciar na vida e conduta dos fieis, e de liderança religiosa que tem autoridade para emitir julgamentos e conduzir os membros da igreja.

Ademais, o pastor se vale de estratégias que visam aproximar orador e auditório, como o uso de linguagem simples, e de revelar-se como homem comum, que passa por problemas semelhantes aos do auditório e compreende, portanto, as dificuldades pelas quais os fiéis passam. Tal estratégia cria a imagem de humilde, que, apesar de ter autoridade, compreende os percalços que os fieis enfrentam, pois também vivencia alguns. Além disso, a forma como o orador utiliza sua argumentação, empregando humor em diversos momentos constrói o *ethos* de irreverente.

As emoções desencadeadas no auditório a partir do discurso do orador (*pathos*) foram a alegria, o amor, a calma, a confiança e o temor. A mobilização de emoções a partir do discurso de Duarte foi positiva, uma vez que possibilitou paixões que geram bem estar no auditório. A única exceção a isso é a paixão do temor. Porém esta ajuda a reforçar a necessidade de seguir os princípios religiosos que defende. Nesse sentido, é uma emoção passageira, usada em momentos pontuais com o intuito de vigorar a argumentação.

O riso, nesse contexto, é comungado pelo auditório que revela adesão ao discurso do orador. O humor é capaz de gerar bem estar, o que certamente contribui para que o auditório considere o orador digno de fé. O pastor toca, por meio do humor, em assuntos difíceis de serem abordados e revela cumplicidade com o auditório ao demonstrar que conhece os problemas por eles enfrentados, pois também passa situações complicadas em sua vida.

Tanto a imagem construída pelo orador (*ethos*), como as paixões mobilizadas no auditório (*pathos*) são formadas a partir do discurso do orador (*logos*). Assim, a

seleção lexical, as figuras retóricas, os argumentos e o modo de dizer são formas de manifestação do *logos* fundamentais para nossa investigação.

No que se refere à seleção lexical, há o uso de um léxico que condiz com o gênero pregação religiosa, ou seja, palavras que remetem ao sagrado. No entanto, o orador também utiliza um repertório que causa certo estranhamento por não ser comum ao campo da religião e romper tabus, dado que auxilia na produção do humor.

Os elementos prosódicos, junto ao léxico e ao contexto, mostraram-se bastante relevantes na investigação dos meios de produção de humor e argumentação no discurso de Duarte, como é o caso especialmente da imitação de voz e da tessitura.

As figuras retóricas revelaram-se de grande importância à análise, visto que tornam o discurso mais atrativo, leve e interessante, o que facilita a aceitação do auditório ao discurso do pastor. Entre as figuras retóricas, a alusão foi a que predominou na construção do humor e argumentação. Por meio do compartilhamento de informações (costumes e/ou culturas), essa figura estabelece comunhão entre orador e auditório, criando cumplicidade e funcionando, dessa forma, como recurso que propicia despertar interesse, gerar o riso, contribuindo para o processo de persuasão. Outras figuras também auxiliaram no processo argumentativo e na deflagração do humor na pregação. É o caso da onomatopeia, do pseudodiscurso direto e da ironia.

Em se tratando dos argumentos utilizados, notamos a presença especialmente dos argumentos da contradição e incompatibilidade, de reciprocidade e pragmático. O argumento da contradição e o da incompatibilidade levam ao ridículo. Isso pode ser visto quando o orador critica o aspecto da legislação que é contrário à forma de educação que o pastor considera adequada, pois proíbe o castigo físico contra crianças e adolescentes, mas reclama que na sua infância não havia legislação que o protegesse, este conflito de informações leva ao riso.

Além disso, como há em diversas religiões respeito a hierarquias, o argumento de reciprocidade gera uma quebra de expectativa e aproxima orador e auditório, pois

mesmo compreendendo que o pastor é um líder, percebem-no como alguém humilde, que busca tratar a todos (fieis e sacerdotes) com igualdade.

O argumento pragmático contribui para a produção de humor, uma vez que o orador o utiliza para mostrar que as situações analisadas a partir de suas consequências. Os desfechos apresentados por Duarte para os que optam por não seguir os princípios religiosos/ cristãos são sempre negativos: viver em conflito com a sogra (ou nora/ genro), morrer (em caso de divórcio) etc..

A análise como um todo nos permite verificar que o humor na pregação de Duarte tem a função de auxiliar positivamente na argumentação, uma vez que prende a atenção do auditório e leva à adesão ao discurso do orador, ou seja, possibilitou que o auditório fosse persuadido de que os princípios cristãos e tradicionais defendidos pelo pastor devem ser seguidos. Tudo isso de uma forma mais leve e didática.

Desse modo, pelo humor, Duarte transformou seu auditório particular em auditório universal, por meio da ampla divulgação na Internet e mídia em geral, revelando, nesse sentido, que o humor é de grande relevância no discurso do orador, uma vez que foi fundamental para a promoção do discurso do pastor.

Apesar de o humor em um campo como o da religião causar certo estranhamento – já que o gracejo em uma prática social que é reconhecida por abordar questões relacionadas ao sagrado –, no caso da pregação religiosa de Duarte, o humor é aceito pela maior parte dos fieis, pois é considerado politicamente correto, uma vez que não afronta os princípios dogmáticos da religião que representa.

Nesse sentido, a pregação de Duarte não desrespeita os princípios tradicionais cristãos; ao contrário, defende e reforça tais conceitos. Por esse motivo, parece-nos inovadora e não ultrapassa os limites do campo da religião.

Cabe esclarecer que a aparente inversão de papéis que acontece durante a pregação: de pastor (função que exige seriedade e comprometimento), que busca fundamentação para argumentação no texto bíblico com a finalidade de instruir seus

fiéis e o papel de humorista/ irreverente que brinca e usa piadas durante o discurso levando o auditório ao riso aberto, não são antagônicos e não descredibiliza o pastor enquanto líder religioso. O humor na pregação assume, portanto, função argumentativa; não torna as teses do orador menos críveis, ao contrário, aumenta a atenção do auditório contribuindo para o processo de persuasão.

REFERÊNCIAS

ABREU, A. S. **A arte de argumentar**: gerenciando razão e emoção. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2009.

ALBERTI, V. O riso, as paixões e as faculdades da alma. Textos de História. **Revista da Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília**. Brasília, UnB, v. 3, n. 1, p. 5-25, 1995.

AMARAL, W. L. **Entre mitos e tabus**: a retórica das proibições no discurso religioso. 140f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa), Universidade Pontifícia Católica, São Paulo, 2015.

AMOSSY, R. Da noção retórica de *ethos* à análise do discurso. In: AMOSSY, R. (Org.). **Imagens de si no discurso**: a construção do ethos. São Paulo: Contexto, 2008, p. 9-28.

ARISTÓTELES. **Retórica das paixões**. Trad. I. B. B. Fonseca. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. **Retórica**. Trad. de E. Bini. São Paulo: EDIPRO, 2011.

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. Trad. de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BATISTAS. Nossa história no Brasil e no mundo. **Convenção Batista Brasileira**. Disponível em: <[HTTP://www.batistas.com/institucional/nossa-historia](http://www.batistas.com/institucional/nossa-historia)>. Acesso em: 06 set. 2016.

BERGSON, H. **O riso**: ensaio sobre a significação da comicidade. Trad. de Ivone Castilho Benedetti. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BOLLELA, M. F. F. P. A prosódia como instrumento de persuasão. In: LOUZADA, M. S. O.; NASCIMENTO, E. M. F. S.; OLIVEIRA, M. R. M. (Orgs.). **Processos enunciativos em diferentes linguagens**. Franca: UNIFRAN, v. 1, p. 113-128, 2006.

BORDELOIS, I. **Etimologia das paixões**. Rio de Janeiro: Odisséia Editorial, 2007.

CAGLIARI, L. C. Prosódia: algumas funções dos supra-segmentos. **Cadernos de Estudos Linguísticos** (UNICAMP), Campinas, v. 23, p. 137-151, 1992.

CAGLIARI, L. C.; MASSINI-CAGLIARI, G. O papel da tessitura dentro da prosódia portuguesa. In: CASTRO, I.; DUARTE, I. (Orgs.). **Razões e emoção**: miscelânea de estudos em homenagem a Maria Helena Mira Mateus. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2003.

CARMELINO, A. C. O texto humorístico: construção de sentido. In: VIDON, L. N.; LINS, M. P. (Orgs.). **Da análise descritiva aos estudos da linguagem a Linguística no Espírito Santo**. Vitória: PPGEL, 2009. p. 105-122.

_____. Humor: uma abordagem retórica e argumentativa. **Desenredo** (PPGL/ UPF), v. 8, p. 40-56, 2012.

CARMELINO, A. C.; GATTI, M. A. *Ethos*-estereotipado e humor: uma presidente virtual. **Repères-Dorif**. 2017. (no prelo)

CASTILHO, A; PRETI, D. (Orgs.). **A linguagem falada culta na cidade de São Paulo**: materiais para seu estudo. São Paulo: T. A. Queiróz, 1986.

CATTANI, A. **Los usos de La retórica**. Madrid: Alianza Editorial, 2006.

CITELLI, A. **Linguagem e persuasão**. São Paulo: Ática, 2004.

DUARTE, C. Reconstruindo as verdades de Deus. **Pregação**. Projeto Gráfico e Direção de Arte: Leonardo Fusco. s/d. DVD.

DURKHEIM, E. **As formas elementares da vida religiosa**: o sistema totêmico na Austrália. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FERREIRA, L. A. **Leitura e persuasão**: princípios de análise retórica. São Paulo: Contexto, 2010.

_____. Tá rindo de quê? Aspectos da graça e do risível em retórica. CARMELINO, A. C. (Org.). **Humor eis a questão**. São Paulo: Cortez, 2015. p. 181-194.

FIGUEIREDO, M. F.; RODRIGUES, E. M. L. O discurso religioso e a tríplice influência: argumentação, texto e prosódia. **Diálogos Pertinentes**, v. 4, p. 213-242, 2008.

FIGUEIREDO, M. F.; CLARO, A. C.; MORAIS, D. N.; SANTOS FILHO, J. D. U. S. Pregação religiosa: uma caracterização à luz da teoria dos gêneros. **Diálogos Pertinentes**, v. 5, p.129-153, 2009.

FIORIN, J. L. Os gêneros do discurso. In: FIORIN, J. L. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006. p. 60-76.

_____. **Figuras de retórica**. São Paulo: Contextos, 2014.

FREUD, S. **Os chistes e sua relação com o inconsciente** (1905) - versão *online*. Disponível em: <http://www.4shared.com/document/bJjy62fN/Freud_-_Obras_Completas_-_Volu.html>. Acesso em: 31 out. 2016.

GAZZOLI, J. A. B. B. **A constituição dos ethé de Amaro Neto, do Balanço Geral/ES**: retórica, humor e encenação. 144f. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2015.

GUERIOS, R. F. M. **Tabus Linguísticos**. Rio de Janeiro: Simões, 1956.

LACERDA, T. M. **As paixões**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

MEYER, M. **A retórica**. São Paulo: Ática, 2007.

MOSCA, L. L. S. Velhas e Novas Retóricas: convergências e desdobramentos. In: MOSCA, L. L. S. (Org.). **Retóricas de ontem e de hoje**. São Paulo: Humanitas, 2001. p. 17-51.

MOURA, K. A. **“BUSCAI AS COISAS DO ALTO”**: aspectos argumentativos e prosódicos do discurso religioso de padre Léo. 93f. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade de Franca, 2009.

NASCIMENTO, J. V. A constituição do ethos e os efeitos da religiosidade em um sermão católico. In: CARMELINO, A. C.; MEIRELES, A. R.; YACOVENCO, L. C. (Orgs.). **Questões linguísticas**: diferentes abordagens teóricas. Vitória: PPGEL/UFES, 2012. p. 51-70.

ORLANDI, E. P. **As formas de silêncio**: no movimento dos sentidos. São Paulo: Editora da Unicamp, 2007.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. **Tratado da argumentação**: a nova retórica. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PLATÃO. **Górgias**. Trad. C. A. NUNES. [s.d.]. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/270797/mod_resource/content/2/platao_gorgias.pdf. Acesso em: 07 dez. 2016.

POSSENTI, S. **Os humores da língua**: análises linguísticas de piadas. Campinas: Mercado da Letras, 1998.

_____. **Humor, língua e discurso**. São Paulo: Contexto, 2014.

PROPP, V. **Comicidade e riso**. São Paulo: Ática, 1992.

REBOUL, O. **Introdução à retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

RELIGIÃO. Como surgiram as igrejas protestantes? **Mundo estranho**. Disponível em: <http://mundoestranho.abril.com.br/materia/como-surgiram-as-igrejas-protestantes> . Acesso: 06 ago. 2016.

RODRÍGUEZ, A. M. Tabus linguísticos do português do Brasil. **Cadernos do CNLF**, 2000. Disponível em: http://www.filologia.org.br/anais/anais%20iv/civ05_86-94.html. Acesso: 03 ago. 2016.

SCARPA, E. M. (Org.) **Estudos de prosódia**. Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

SOBRE O PASTOR. A pessoa Cláudio Duarte. Disponível em: <http://www.claudioduarte.com.br/o-bom-humor-na-missao-evangelizadora-do-pastor/>. Acesso: 30 mar. 2016.

TRAVAGLIA, L. C. Recursos linguísticos e discursivos do humor: humor e classe social na televisão brasileira. **Estudos Linguísticos XXIII** – Anais do Seminário do GEL. Lorena, SP: GEL, p. 670-677, 1989.

_____. Uma introdução ao estudo do humor pela linguística. **D.E.L.T.A**, v. 6, n. 1, p. 55-82, 1990.

_____. O que é engraçado? Categorias do risível e o humor brasileiro na televisão. **Leitura: Estudos linguísticos e literários**, Maceió, n. 5/6, p. 42-79, 1992.

_____. Texto humorístico: o tipo e seus gêneros. In: CARMELINO, Ana Cristina (Org.). **Humor: eis a questão**. São Paulo: Cortez, 2015. p. 49-90.

TRINGALI, D. **Introdução à retórica**: a retórica como crítica literária. São Paulo: Duas Cidades, 1988.

ANEXO A – Notação de transcrição

NORMAS DA TRANSCRIÇÃO		
OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLO
1. PAUSAS		
Pausas rápidas (menores que 2 segundos)	...	porque a mulher adúltera é mais perigosa...o homem adúltero...é mais perigoso...
Pausas longas (superiores a 2 segundos)	(0,2)	Deus não falou enfrenta a mulhé: ((gesticula que não com veemência)) (0,5)
2. FENÔMENOS SEGMENTAIS		
Prolongamento de vogal e consoante (como s, r)	:: podendo aumentar para ::: ou mais	a loucura é:::...juntinha do coração
Silabação	-	é pra dis-ci-pli-nar
Truncamento	/	do home a/ o que que/ por que que Deus não falou
Incompreensão de palavras ou segmentos	()	A: pecado... P: e ele::? A: ()
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	P.: até quando ele? A.: (crescer)
3. PROSÓDIA		
Imitação de outra voz	Sublinhado	<u>isso é perigosíssimo irmã</u>
Entoação enfática	Maiúscula	a bíblia diz que filho é BENção
Volume alto de voz	Negrito	hoje as pessoas estão mudando os valores de Deus
Volume de voz mais alto	↑Negrito↑	↑ ah eu venCI ...↑
Volume de voz baixo	↓baixo↓	↓acabam perdendo a batalha...↓
Fala acelerada	>> acelerado>>	>>ele falo “isso existe?”>>
Interrogação	?	P.: o que::?
4. COMENTÁRIOS E/ OU DESCRIÇÕES		
Comentários do transcritor	((minúscula))	((a assembleia gargalha))
5. MARCAÇÕES GRÁFICAS		
Citações literais ou leituras de textos	“entre aspas”	“então o espírito do Senhor se apossou DEle tão possantemente que o fendeu de alto a baixo...como se fende um cabrito...sem ter nada na mão...porém nem a seu pai nem a sua mãe deu:: a saber o que tinha::?”
Palavras estrangeiras	Itálico	<i>Big Brother</i>
6. INTERJEIÇÕES		
Fáticos	Ah, ahn, tá	e pior...ah...tem

ANEXO B - Transcrição do trecho da pregação “Reconstruindo as verdades de Deus” (20’52” a 37’44”).

P.: o grande problema hoje é que as coisas estão tomando um rumo totalmente diferente...ai vem um troço também que ver? A bíblia diz uma coisa/ vou dá um conselho pra tu que é homem e mulhé também olha o que diz a bíblia/ olha só...“**resisti U:::**?”

A: “pecado...”

P.: “**e eLE::?**?”

A.: ()

P.: olha o que diz a bíblia “**fugi** da mulher adúltera”... a bíblia manda tu enfrentá o diabo: (0,3) ((aponta para frente e a assembleia ri)) e fugi da mulher adúltera ((apontando para trás)) do home a/ o que que/ por que que Deus não falou enfrenta a mulhé: ((gesticula que não com veemência)) (0,5) foge da mulhé adúltera e enfrenta o diabo... porque a mulher adúltera é mais perigosa...o homem adúltero...é mais perigoso... ele fala coisas que seu marido não fala:: “Tá cheiROsa::” miserável do marido nem nariz tem mais aquela PRAga ((a assembleia gargalha)) é ou não é? hé hé hé::... o adúltero abre a porta do carro pra você entrá::...seu marido sai com carro você nem entrô... ((risos)) um pé dentro e outro fora... é ou não é verda/ ((diz enquanto imita pulando com um pé apenas apoiado no chão))...vai a mulhé assim... para pra penSÁ ((a assembleia gargalha)) cê tá rindo de coisa que te faz **choRÁ::**...é ou não é verdade...pare pra penSÁ::...isso é/isso é perigosíssimo irmã::...aquela mulhé::/ é ou não é? A bíblia manda foge dela... a mulhé maneira...mulhé feia não precisa fugi ((risos))...mulher feia só entra no céu porque recebe um novo corpo... é ou não é verdade? ((gesticula que não enquanto a assembleia ri)) isso é heresia... brincadeira...tá certo? ((risos)) Esquece isso...apaga isso...deleta esse troço aí depo/ nem era pra falado meu Deus do céu...oh meu Deus...tem hora que eu falo cada coisa...me perdoa...mas para pra penSÁ::...↑**hoje as pessoas estão mudando os valores de DEUS...e isso tá destruindo a humaniDAde**↑ (0,3) e piOR...ah...tem uma agora aqui que é hor-ro-ro-

sa...quero te mostra...a hora de criar filho...que a bíblia diz que filho é BENção...eu acredito que a bíblia diz...que tem hora hã ((faz expressão de sofrimento)) tem hora eu já falei isso aqui:...quando tá pequenininho a gente olha e diz...“que vontade de comer”...depois que cresce a gente diz “porque que eu não comi...puxa vida” ((a assembleia gargalha)) puxa se eu tivesse comido quando era pequeno rapaz não dava esse problema...porque tem hora que num/num num dá? tem hora que só a graça... e hoje hoje hoje gente...olha o que a bíblia DIZ no que diz respeito a filhos...provérbios...capítulo vinte dois versos seis (0,3) não sou eu é a bíblia...viu? me perdoe a turma do senado...me perdoa a turma da câmara...me perdoa Xuxa que vai pra lá pra fazer lei ((com tom de reprovação))...me perdoa essa turma...vinte dois se:is:: (0,3) **AMÉM?**...“instrui o **meNino NO?**”

A.: “caminho”

P.: “**em que DEve?**”

A.: “andar”

P.: “**até quando ELe?**”

A.: (crescer)

P.: “**e ele NÃO::?**”

A.: ()

P.: **instrui O::?**

A.: menino

P.: crian/ is/isso criança...agora como é que instrui o menino...olha que a bíblia vai dando...vai melhorando...vinte dois quinze... “a estultícia está liGAda ao coração **DO::?**”

A.: (homem)

P.: **MAIS:::**

A.: ()

P.: **o QUE::?**

A.: (a vara)

P.: a vara da correção...não é pra espancá...mas a varinha (o pastor ri)...faz milagre também... tem que ter uma varinha... legalzinha... é uma correçãozinha...é pra DIS-ci-pli-nar... Deus diz **“eu repreendo e castigo a todos quanto amo sedes zeLOso e se arrepende”**...por QUE que a bíblia diz isso? capítulo vinte nove de provérbios...verso quinze...vinte nove verso quinze **“a vara e a repreensão dão::?”**

A.: (“sabedoria”)

P.: **“mas o rapaz entregue:: enverGOnha”?**

A.: (“sua família”)

P.: a **vara/ HOje::...olha os valores...seculares hoje/ hoje essa turma vai pro senado pra fazê uma lei de que eu não posso bater no meu Filho (0,4) ((para e fica olhando para a assembleia)) na hora que eu apanHEI ninguém criou lei pra me defender (0,4)((assembleia gargalha)) **ses dias eu falei pra meu filho...VOU bater ni você...ele disse “eu não fiz nada” eu falei eu não QUero justiça...eu quero vin-GAN-ça** ((assembleia gargalha)) **agora olha que coisa maluca pastor...eles dizem que nois não podemos repreender e educar o filho mas se o meu filho engravidá alguém eu pago pensÃO...eu não posso eduCÁ-lo...mas eu PAgO...por não poder eduCÁ-lo (0,4) ((faz gesto de incompreensão))...isso é a secularização do MA::L...((é aplaudido)) Pare pra observar... são verdades de Deus que estão sendo::...usurpadas...não só a favor de ninguém espanca ninguém...não é NAda disso meu irmão...mas tem que ter a estultice...a loucura é::...juntinha do coração do rapaz ((gesticula unindo os dedos))...então a varinha::...enTENdeu?...o casTI::go::? o pastor usou o exemplo de Davi...o cara matou gigante...mas não conseguiu...o texto diz primeiro a Reis que ele nunca repreendeu Adonias... Adonias fazia o que queria...e olha aonde chegou...não foi muito longe... **porque se seu filho tiver linha dura e vencer sabe o que ele vai DIZER::?** **“eu venCI porque meu pai foi linha dura”... mas se seu filho fracaSSAR a culpa vai ser sua...porque ele vai colocar em você...não coBRAva...não ia...não via...não observava...as verDAdes...de Deus HOJE estão ficando ultrapassadas...é ou não é? hoje tudo bagunçado... e Sansão tá nesse troço...eu quero mostrar outra pra você também...abre a sua bíblia uma******

das::...coisas piores hoje...coisa horrorosa quando o assunto é família o/ Rute... capítulo três...isso Rutinha...é manera é...já preguei aqui sobre ela num já...Rutinha tinha uma sogra gente...vô falá...uma sogra muito manera (0,4) sogra dela/ a sogra dela era fantástica...isso é uma quebra de paradigma...que eu quero falá um pouco com vocês agora sobre relacionamento de sogra e nora...**capítulo tr/ três versus um aMÉM?**... “disse-lhe...**Noemi sua::?**”

A.: “sogra”

P.: “minha filha não tirei eu de buscar descanso para que fiques bens::?”...a sogra ta falando pra quem?(diz com tom jocoso, provocativo)...pra nora...que a verdade de Deus é diferente da verdade...secular...hoje diz que sogra e nora são o que? inimigas... sogra é igual cerveja... tem que tá gelada em cima da mesa (0,5) ((a assembleia ri)) é o não é::?... muita gente diz isso...o cara falo comigo... “comprei uma cama redonda pra minha sogra”...falei porque?...ele disse “porque cobra dorme enrolada::” (0,6) ((assembleia gargalha)) **é o que a gente OUVE gente...são piaDinhas histoRInhas...enquanto a bíblia diz que nora e sogra deveriam ser aMlgas...parceiras...CÚmplices**...mas as pessoas não estão interessadas na verdade de Deus...é melhor acredita que sogra é uma praga...que nora é hoRRORosa...e vão se degladiAR::...disputar o meNI::no...que não sabe se fica entre a mãe que o gerou...ou a mulher que vira seus zoIM...((assembleia gargalha)) garoto fica doido...se eu falo que é mamãe...não viro o zoIM...se eu viro o zoIM mamãe não que::...oh meu Deus do céu...se correr o bicho pega se fica o bicho come ((pastor e assembleia riem) ...pare pra pensa::... ((pastor ri)) os valor/os valores irmãos...de Deus estão se perdendo...estão indo embora::...e é isso que está/ que está destruindo a família...por isso nós precisamos resgatar os valores...valores como por exemplo **HONRA o teu pai e a TUA::?**

A.: mãe

P.: isso ai cara...cADÊ ISso?...é ou não é...**porque HO::je** os pais estão ultrapassados...caretas...óh...((gesticula fazendo círculos ao redor do ouvido, insinuando gesto simbólico de loucura))...é ou não é...já era...essa/ hoje a juventude tem que ser::...reBELde...reBE::lde::... assiste *Big Brother*...hoje a humanidade/ é:: brasile::iro...Big Brother...grandes coisas ensina pra nossa família... quando não

gosta de alguém...elimina... põe no paredão...((a assembleia gargalha)) a:: o cunhado é chato... põe ele no paredão... ((a assembleia gargalha)) hoje é a noite dele... todo mundo vota nele...isso...elimina manda esse miserável embora ...((pastor e assembleia riem)) só que não se esqueça que uma hora o eliminado vai ser você...vai chegar a sua vez...são valores que não podem ser negociados...gente...são verdades de Deus sabe...como escolher bem a pessoa que vai viver com você até::?... a morte os separe... são coisas que precisam ser revistas... NÉ?...que precisam ser organizadas...colocadas dentro/ mas hoje eu vejo pessoas... que:::... começa algo de errado... nesse erro:::...se desvia do caminho...e aí é um erro atrás do outro...primeiro erro...de Sansão foi se apaixonar: por uma mulher...mas não para aí não... abra sua bíblia em Juízes (0,4) capítulo quatorze versos seis (0,3) a:MÉM?...“então o espírito do SeNHOR se apossou DEle tão possantemente que o fendeu de alto a baixo...como se fende um caBRlto...sem ter nada na mão...porém nem a seu pai nem a sua mãe deu:: a saber o que TI-nha::?”

A.: “feito”

P.: Sansão acabou de matar o que? UM?

A.: ()

P.: leãozão **CHEIO DE DE::US...o espírito de Deus entra no Sansão...e o Sansão MAta o leão...é quase igual ao Tarsan...o Sansão...matou o leãozão...perigosíssimo::...rei da selva::...para/ só que o cara que mato um leão...e hoje eu vejo gente matando leão...ahn...ma::is:: mata gigante...mais na hora de:: vencer (0,3) ((mexe em suas coisas e acha um lenço para secar o rosto))...isso...na hora de vencer:: os grandes desafios...↓acabam perdendo a batalha...↓ele matou um leão...olha que coisa poderosa...a::sabe de uma coisa eLE matou o leão...mas não é porque você venceu uma batalha... que o diabo vai desistir de você ... ((ri)) ↑**ah eu venCI...**↑venceu meu filho glória a Deus fica atento porque depois...a vida é como um vídeo game...ganhô uma etapa ((faz um som imitando uma passagem de fase no vídeo game e gesticula virando a mão)) a outra vem mais difícil...cê passou pelos carrinhos ((imita alguém jogando e faz o som de quando o jogador termina o jogo vitorioso)) prêmio ganho::: u::: a próxima vez o carrinho zum zum zu:::m ((imita alguém jogando com mais dificuldade e rapidez)) os carrinho vem correndo mais**

ainda ((muda o tom de voz)) pa vê se vocês fica habilita::do...a vida é assim...e ai no caPítulo quaTORze...no verso oito...olha o que está escrito...“depois de alguns dias ((gesticula fazendo círculos com o dedo direcionado para trás)) que ele Tinha matado o leão voltou ele para tomar/ para a tomar::: **aparTANDO-SE DO::?**”

A.: “ma:::!”

P.: **ele já apartô do caminho quando se apaixonô pela muLHÉ... se ele já se apartô do caminho porque que ele não pode se aparta de NOvo?...porque Isaias trinta diz o seguinte::... “então ouvirás por trás de ti uma voz dizendo ESTE é o caminho andai nele não desviai nem pra direita nem pra esquerda...MAIS Sansão...não ouvia a voz de Deus mais...porque as verdades de Deus não prevaleciam mais pra SanSÃO...o coração de Sansão era reGldo por suas PRÓprias verdades...então ele sai do cami:nho...pra olhar:: QUEM?...o leão morto...uma batalha que ele JÁ::?? aparen-te-mente?...mas o diabo não dá mole o que que tem na ossada do leão... ah::: irmã::o cuidado com mel na ossada ((pisca o olho para a assembleia))...aquela namoradinha sua...mel na ossada...doida/doida pra você coloca a mão e come...mel na ossada...foi isso que ele fez::... aquel/ diz cuidado com mel na ossada ((ri)) o pecado é aSSIM...o gosto é::...inicial é prazeroso...mas o final aMARgo::...é ou não é...e ele se aproxima/ ele não pode se aproxima...ele é um::?...nazirEu...ele é separado...mas ele...não respeita mais isso...porque essa não é mais uma verDAde para::?... ((gesticula levando o braço para frente)) ele...a verdade dele...**SÃO?**...suas próprias verdades...seus próprios sentimentos...cuidado com sentimento...cuidado com prazer...cuidado com as mentiras...(né::?) que têm se instaurado pra destruí::...Sansão está/ não deixou UM Filho...**não deixou nada...ele foi criado pra ser um vencedor...e morre como um derrotado...a::: mato uns filisteuzinho...ahn... mas Deus tinha MULto mais pra ele e não viveu por que? porque escolheu errado... abandonô as verdades de Deus...e transformou suas mentiras em verdades... pare... pra pensá:::a o meu amô pelo meu marido acabô...cabo nada ele ta é soterrado debaixo de um monte de entulho...só tira os entulho...que o amor aparece de novo... “AH::: mais eu não quero que ele apareça”...ai o problema é seu... “eu não QUero... não quero...eu NÃO QUero mais ele”... então Mor-ra ((a assembleia ri))...porque você disse que era até que a morte****

os separe...ses dias o pastor falou comigo que queria larga a mulhé...eu falei pastor não faz isso...ele disse “eu quero... NAda do que você vai fala comigo vai mudá... o meu pensamento”...>>falei então o senhô vem aqui que eu vou fazê a oração do divórcio pro senhô>>...>>ele falo “isso existe?”>>...>> eu falei fui eu mesmo que criei é de minha autoria>> ((a assembleia ri))... ele falou como é que é isso...eu falei vem aqui que o senhô vai vê... >>segurei no ombro dele e apertei...>>falei senhô::...a mulhé dele chorano... falei eu vô libera você agora cara...tranquilo...falei >>senhô o senhô tava no dia que ele caso>>...>>eu não tava não mas o senhô tava>>...e quando perguntaram ele se era até que a morte os separe ele falou que sim...senão não tava aqui nessa situação...>>e ele acabou de me dizer que ele que separar que não tem jeito que é verdade absoluta que não tem jeito é verdade dele>>...e eu tenho que respeitá::...>>então segundo a sua palavra ele disse até que a morte os separe eu queria pedi o Senhor agora em nome de Jesus>> MATA Ele...((a assembleia gargalha)) A-GO-ra (0,4) quando eu abri os olhos ele tava olhando pra mulhé...fazendo assim o:: ((gesticula unindo os dedos))... vão continua é melhô você do que a morte ((a assembleia vibra e aplaude))